



אנא אלוהי
והשואל לראות ואנכי-בצעו ודוד ואלוהי-דוד ודוד ודוד
לשם וישוב אלוהי וישוב אלוהי וישוב אלוהי

שמונה עשרה ארץ
זה אשר איתו ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו

ועתה ודוד
והוא אשר עמו ודוד ודוד ודוד ודוד ודוד ודוד
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו

ועתה ודוד
והוא אשר עמו ודוד ודוד ודוד ודוד ודוד ודוד
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו
לשם אלוהי ודוד איתו ודוד איתו ודוד איתו

A Palavra Divina

BÍBLIA O POVO
QUE FAZ A SUA HISTÓRIA
PALAVRA DE DEUS

A Bíblia

Deus que se revela

“QUEM TEM UM AMIGO TEM UM TESOURO”

VOCÊ TEM UM AMIGO?

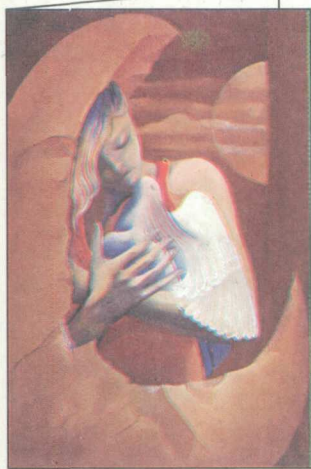
ENTÃO NÃO SE ESQUEÇA DELE. ANTES DO NATAL MANDE UM CARTÃO DESEJANDO-LHE FELICIDADES E QUE DEUS O ABENÇOE. É UM PRESENTE BEM BARATO QUE VAI LEMBRAR UMA CARA AMIZADE.



n.º 02
(230 x 200 mm)



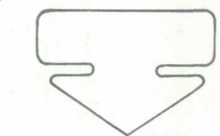
n.º 03 (220 x 110 mm) colorido com a oração do "Ançelus"



n.º 04 (215 x 150 mm)



n.º 05 (215 x 150 mm)



VEJA
NESTA PÁGINA
E NAS PÁGINAS
35 e 36
(3.ª e 4.ª CAPAS)
OUTROS
MODELOS.

FAÇA
HOJE MESMO
SEU
PEDIDO.
AJUDE
AS VOCAÇÕES!



n.º 06 (215 x 150 mm)



n.º 07 (200 x 145 mm)



n.º 08 (200 x 145 mm)



n.º 09 (200 x 145 mm)



n.º 10 (200 x 145 mm)



n.º 11 (200 x 145 mm)



n.º 12 (200 x 145 mm)



n.º 13 (210 x 150 mm)

SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 • **LIBERDADE E SEGURANÇA**
Quanto maior segurança, menor chance de liberdade.
- 8 • **O FANATISMO QUE DESUMANIZA**
Todo fanático é anormal e age como anormal.
- 9 • **O GRITO DE LIBERDADE**
A liberdade cristã encarnada no projeto da liberdade cristã leva o homem à liberdade total.
- 10 • **BENEFÍCIOS DO DIÁLOGO**
O diálogo feito com abertura enriquece.
- 11 • **BÍBLIA: O POVO QUE FAZ SUA HISTÓRIA, PALAVRA DE DEUS**
É vital para a preservação de um povo o registro de sua história.
- 13 • **A BÍBLIA SAGRADA**
Explicação introdutória à leitura da Bíblia.
- 17 • **A PALAVRA DIVINA**
É para ser ouvida e colocada em prática.
- 18 • **A BÍBLIA, DEUS QUE SE REVELA**
Deus revelou-se de várias maneiras ao homem.
- 19 • **PRECE**
- 20 • **A AUTENTICIDADE**
() autêntico é aquele em quem você pode confiar.
- 21 • **DIREITOS HUMANOS**
Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.
- 22 • **NOSSA SENHORA DE GUADALUPE**
Inexplicável o milagre da tilma do índio Diogo.
- 23 • **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS**
Reflexo de uma ideologia consumista e submissa.
- 24 • **O INFINITO EM TI**
- 25 • **TESTEMUNHOS: MÁRTIRES LATINO-AMERICANOS DO NOSSO SÉCULO**
- 27 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
- 29 • **COMO LEVAR O ALCOÓLATRA AO TRATAMENTO**
Todo alcoólatra precisa de uma força motivadora que o leve a se tratar.
- 31 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**

EDITORIAL

Uma história sobre o Povo de Deus

Nem sempre a história dos homens e dos povos é escrita. E na maioria das vezes quando ela é escrita os interessados escritores querem mostrar o seu ponto de vista, excluindo o ponto de vista de outros que viveram a história contada.

Mas existe um livro muito especial no qual o autor escreve sua história e nela não exclui os protagonistas. São letras e falas populares. São acontecimentos que escrevem uma história singular e ao mesmo tempo comum a todos os povos. Singular enquanto escrita sob a perspectiva do pobre e comum, enquanto se identifica à história de todos os povos pobres. É a história da vida e do amor de Deus por seus filhos. É a história de sua aliança com os homens que lutam para serem justos, é a história de sua comunhão com todos os povos sofredores com a linguagem destes mesmos povos.

Neste número a revista "AVE MARIA" traz vários artigos sobre o tema: *Bíblia Sagrada*. São artigos que nos ajudam a ampliar a nossa compreensão sobre o livro sagrado, o qual conta a vida do povo que faz aliança com Deus. Leia: "Bíblia — o povo que faz sua história — a palavra de Deus"; "A Bíblia Sagrada — Introdução geral"; "A palavra divina" e "A Bíblia, Deus que se revela".

Por mais sagradas que possam ser as histórias dos homens ou os livros que as narram, se não houver o acolhimento do Espírito da Verdade que nos dá pensamentos e coração fraternos, não teremos condições de fugir da tentação de escravizar o semelhante. É por isso que os sistemas e estruturas humanas que não dão ouvidos à voz do povo e não analisam a sua história real, automaticamente tornam-se tiranos; e mais: estes sistemas só se mantêm a ferro e fogo e sempre a custo de muito sangue. Um pouco deste enfoque pode ser lido nos artigos: "Liberdade e Segurança"; "O fanatismo que desumaniza"; "O grito da liberdade"; "Benefícios do diálogo" e "A autenticidade".

A América Latina tem seus mártires e suas devoções. E uma delas é à Virgem Maria, Nossa Senhora de Guadalupe. Conheça mais sobre a história, a mensagem, os acontecimentos e as curiosidades que cercaram a aparição da Virgem mexicana, lendo: "Sobre Nossa Senhora de Guadalupe".

Continue a refletir, de preferência em grupo, sobre a "doutrina" que está escondida debaixo das mensagens divulgadas pelos Meios de Comunicação Social. Uma vez consciente e com um juízo mais lúcido, o grupo certamente fará uma opção de vida mais cristã. Para ajudar nesta reflexão, leia o artigo "Programa Sílvio Santos".

Na firme esperança de permanecer num povo que faz aliança com Deus, não podemos esquecer que "as palavras de Deus expressas por línguas humanas se fizeram semelhantes à linguagem humana, tal como outrora o Verbo do Pai Eterno, havendo assumido a carne da fraqueza humana, se fez semelhante aos homens" (Dei Verbum n.º 13).

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob n.º 221 689, no S.E.P.J.R., sob n.º 50, no R.T.D., sob n.º 67, e na DCDP do DFP, n.º 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP. □ Composição, Frotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços: Número avulso Cr\$ 800,00 - Ass. Anual Cr\$ 8.000,00 - Ass. de Benfeitor Cr\$ 12.000,00.

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: Isidoro De Nadai, José Fernandes de Oliveira, José Cristo Rey Garcia Paredes, Ana Aparecida Frabetti Valim, José Geraldo Vidigal de Carvalho, Alceu Luiz Orso, Mauro Martins Amatuzy, André Carbonera, José Wanderley Dias, Geraldo Barboza de Carvalho, João de Castro Engler, Rosana Costa Chrispin, Maria do Carmo Fontenelle, Donald Lazo.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Atílio Cancian.

Diretor Administrativo: Nestor Antônio Zatt.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida e Isaias Teixeira Vieira. Representantes e Promotores: Galdino Moreira, Joaquim Dias de Castro, Antônio T. Sato, Diomar Ignácio de Aguiar, João Ferreira de Menezes e Jerônimo José de Faria. Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.

A IGREJA NO MUNDO

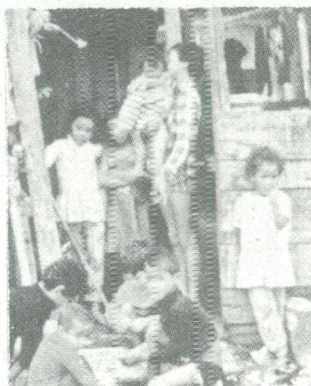
LUTERANOS REALIZAM ASSEMBLÉIA GERAL

Budapest (CIC) — De 22 a 25 de agosto realizou-se em Budapeste, na Hungria, a VII Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial. Cerca de quatro mil pessoas, entre delegados e observadores, estarão presentes, representando 97 Igrejas filiadas à FLM que, somando seus membros, alcança 55 milhões de fiéis. O tema geral da Assembléia foi “Em Cristo — Esperança para o Mundo”. Este tema geral foi estudado em quatro subtemas: Em Cristo — Esperança para a Criação; Em Cristo — Esperança para a Humanidade, com ênfase para o tema da paz; Em Cristo — Esperança para a Igreja, com ênfase para a missão; Em Cristo — Esperança para a Igreja, com ênfase para o ecumenismo. Com estes temas os luteranos quiseram estudar assuntos como: missão e evangelismo, culto e vida cristã, compromisso ecumênico e unidade luterana, a era da informática, os jovens na Igreja e na sociedade, caminho da justiça sócio-econômica, ecologia, racismo, direitos humanos, responsabilidade pela paz, etc. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil estará presente à Assembléia com 15 delegados.

LAVRADORES REIVINDICAM SOLUÇÃO PARA DÍVIDAS

Andradina (CIC) — Cerca de 70 lavradores, sob a coordenação da Comissão da Pastoral da Terra, se reuniram na igreja

Nossa Senhora das Graças, em Andradina, no dia 14 de agosto, para cobrar do Inbra uma ajuda na solução de suas dívidas com o Banco do Brasil. Os lavradores esperavam para a reunião o coordenador do Inbra no Estado, que não compareceu. O gerente do Banco do Brasil em Andradina afirmou que, “em vez de ficarem perdendo tempo com reuniões feitas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e pela Comissão da Pastoral da Terra, deveriam trabalhar para pagar suas dívidas”; e acrescentou que as ações movidas contra os lavradores na Justiça terão prosseguimento. Ao final do encontro os lavradores decidiram que, mesmo se suas terras forem penhoradas na Justiça e levadas a leilão, eles não sairão delas, a não ser mortos, caso o Inbra e o Banco do Brasil não prestarem ajuda.



FAVELADOS SÃO IMPEDIDOS DE OCUPAR TERRA VAZIA

Londrina (CIC) — Os favelados que recentemente ocuparam a área do projeto abandonado da Colônia Agropecuária e Industrial de Londrina estão sendo proibidos de preparar o solo e plantar, sob ameaça de prisão. A ameaça está sendo feita pelo secretário de Justiça do Paraná, Celso Amaral. Os

ocupantes da terra, que na maioria são desempregados vindos da zona rural, afirmaram a Hélio Dutra, chefe regional do Instituto de Terras e Cartografia (ITC), que resistirão “até o fim”, mas que aceitarão uma proposta de reassentamento em outras terras, dentro do próprio Estado. A área invadida é de 50 alqueires e pertence à Secretaria de Justiça do Estado do Paraná.

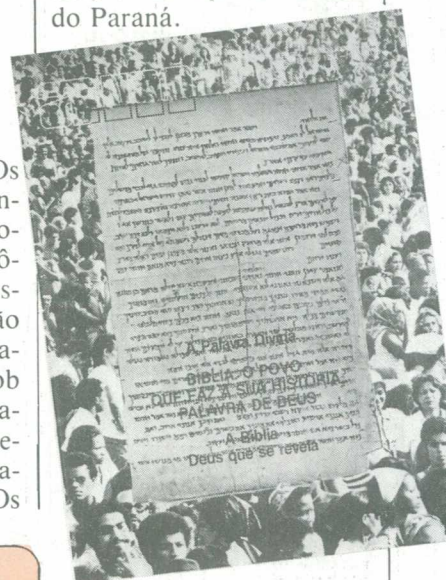


FOTO DA CAPA

A foto mostra um pedaço (uma página) do manuscrito hebraico de Isaías. O manuscrito foi encontrado na gruta de Hirbet Qumran próximo ao Mar Morto e está guardado no Museu de Israel, em Jerusalém. O tamanho da foto é um pouco menor do que o original, o qual remonta a 100 anos a.C., e tem o comprimento de pouco mais de 7 metros, com 25 cm de altura. Por ser confeccionado de maneira a formar uma longa faixa, é que entendemos a passagem de Jeremias 36, 2-3, quando diz: “Toma um rolo de um livro e nele escreverás todos os oráculos que te ditei a propósito de Israel, de Judá e das nações pagãs, desde que te comecei a falar no tempo de Josias, até o presente. Quando o povo de Judá compreender todo o mal que lhe pretendo fazer, talvez cada um se afaste de seu perverso caminho, de sorte que eu lhes possa perdoar as iniquidades e os pecados” (Jeremias 36, 2-3).

MOVIMENTOS LUTAM POR MORADIAS BARATAS

São Paulo (CIC) — Oito movimentos que lutam por moradias na Grande São Paulo estiveram reunidos nos dias 12 e 13 de agosto para refletirem e juntos buscarem soluções para seus problemas. Os participantes do encontro chegaram à conclusão de que a atual política de financiamento do BNH e as dificuldades de relacionamento com os órgãos públicos são os principais problemas enfrentados pela população de baixa renda na luta pela obtenção de moradia. Esses movimentos vêm-se articulando desde 1978 em torno da luta pela urbanização das favelas, pela posse da terra e construção de casas. Foram propostas pelos participantes do encontro três fórmulas para baratear o custo das construções: mutirão, autoconstrução, onde cada um construiria sua casa dentro do terreno conseguido pelo grupo e embrião, onde uma empreiteira, empregando os desempregados, construiria um cômodo com banheiro e a família posteriormente completaria a construção da casa. A maior luta dos movimentos tem sido para que as construções financiadas pelo governo sejam empreendidas pelos próprios moradores e não por intermediários, que fazem aumentar muito o custo final das obras.

FREI LEONARDO BOFF CHAMADO AO VATICANO

Nos últimos anos assistiu-se, um pouco por todas as partes, a emergência de um novo tipo de Igreja, mais próxima do povo, apoiando a luta dos pobres por seus direitos nas questões do trabalho, da terra e da moradia. Muitos bispos deixaram seus palácios e foram morar em bairros populares. Muitos padres se deslocaram dos centros das cidades para as periferias, favorecendo aí o surgimento de círculos bíblicos e comunidades eclesiais de base. Os leigos, tradicionalmente pouco participantes na vida da Igreja, começaram a tomar parte nas reuniões pastorais do clero, assumindo ministérios confiados a eles, como de batizar, assistir aos matrimônios, distribuir a comunhão e coordenar comunidades. Tal fenômeno criou um perfil novo de Igreja, mais popular, mais flexível, mais social e mais evangélico.

A teologia acompanha a Igreja — Junto a esta caminhada surgiu também na América Latina, e particularmente no Brasil, um pensamento teológico com identidade própria. Procura pensar os problemas vividos pelo Povo de Deus e suscitados pela própria caminhada da Igreja. É palavra segunda, face à palavra primeira, constituída pela vida concreta dos cristãos. Trata-se de uma reflexão sobre as práticas eclesiais e cristãs e também uma iluminação para estas práticas, para que sejam mais autênticas e evangelicamente eficazes. Assim apareceram estudos sérios sobre Jesus Cristo libertador, sobre a opção

pelos pobres, sobre a ligação entre fé cristã e participação política. Um campo aprofundado com perspectivas novas foi o campo da eclesiologia, quer dizer, o campo que trata da Igreja, de sua missão, de sua organização, de sua presença no meio dos pobres e de todos os homens. Tais textos não ficaram apenas restritos aos vários países latino-americanos. Foram traduzidos para as várias línguas, aí lidos e discutidos por cristãos europeus, norte-americanos, filipinos e indianos.

Neste contexto se situa o livro *Igreja: carisma e poder*, publicado pela Editora Vozes em 1981. Aí, reúnem-se trabalhos escritos nos últimos 15 anos de caminhada de Igreja pelas bases, em contato com os problemas do povo que busca a sua libertação. Na medida em que se solidifica e cresce a vasta rede de comunidades eclesiais de base, crescem também as questões que demandam uma reflexão séria. Assim, por exemplo: pode a Igreja, na sua estrutura, dar maior participação aos leigos? A Igreja lutou nos últimos anos na defesa e promoção dos direitos humanos, especialmente aqueles dos pobres; não se atropelam, em alguns lugares, direitos humanos dentro da Igreja? Que valor possuem os novos ministérios que emergem nas comunidades de base, face aos clássicos ministérios da Igreja, como o diácono, o sacerdote, o bispo? O Espírito Santo suscita novas formas de organização eclesial que alargam a tradição e obrigam, não poucas vezes, a

caminhar por sendas ainda não experimentadas.

Tensões entre tendências dentro da Igreja — Tal vitalidade de nossa Igreja cria, inevitavelmente, tensões entre as distintas correntes que sempre existiram: umas enfatizando mais a tradição e a observância das normas estabelecidas; outras, respeitando a caminhada do povo, abrem novos caminhos, sempre em comunhão com os bispos e o Papa; outras, penetrando mais no mundo dos pobres, e outras tentando evangelizar os centros de poder decisório que estão nas mãos das camadas mais opulentas da sociedade. Nem sempre os entendimentos são fáceis entre as várias tendências. Como na sociedade, assim também na Igreja, vêm-se polêmicas públicas entre teólogos e bispos, entre bispos de uma tendência com outros de tendência diversa.

O livro *Igreja: carisma e poder* suscitou há anos (a partir de 1982) algumas polêmicas, envolvendo a Comissão Arquidiocesana para a Doutrina da Fé do Rio de Janeiro. Aí se publicou uma crítica violenta, onde se emitiam juízos sobre a Igreja que o autor jamais proferiu e aceitou: que a Igreja não tem nada a ver com Evangelho e que ela, por ser meramente humana, estava entregue às modificações arbitrarias dos homens. Esta polêmica foi exacerbada ainda mais com um longo artigo do então frei Boaventura Kloppenburg no *Jornal do Brasil*, publicado no dia 27 de junho de 1982, contra o livro. Estas discussões foram

parar em Roma. Agora a Congregação para a Doutrina da Fé me convocou, no dia 7 de setembro, para esclarecimentos em Roma. A perspectiva do colóquio é boa: é no sentido de desfazer equívocos e aprofundar as questões para que a caminhada da Igreja com o povo possa manter-se sempre fiel ao Evangelho e às grandes linhas definidas pelo Magistério. O teólogo está a serviço da comunidade; a inserção na Igreja é mais importante do que fazer teologia. Esta deve ser apreciada para que seja alimento saudável para os fiéis. O autor espera mostrar que sua atividade teológica tem ajudado à fé e à esperança dos fiéis (CIC).

AVISO AOS ASSINANTES

Em breve os representantes da Revista AVE MARIA, João Ferreira de Menezes e Jerônimo José de Faria, visitarão as seguintes cidades paulistas: Sorocaba, Votorantim, Taubaté, Itapetininga, Capão Bonito, Itapeva, Itatiba e Guarulhos.

O Irmão Diomar Ignácio Aguiar está visitando os nossos assinantes das seguintes cidades mineiras: Araxá, Campos Altos, Ibiá, Luz, Bom Despacho, Arcos, Pains, Formiga, Santo Antônio do Monte, Lagoa da Prata, Pintagui, Dolores de Indaiá, Moema, Bambuí e Itaguama.

CONSULTÓRIO POPULAR

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Alceu Orso, C.M.F. — Cx. Postal 54.215 — CEP 01227 São Paulo, SP

1.960

PEDRO JULIÃO EYMARD

Quem foi Pedro Julião Eymard? Onde viveu? O que fez? (W. F. — Tambaú, SP).

Pedro Julião Eymard nasceu a 4 de fevereiro de 1811; é o último filho do casal Julião Eymard e Maria Madalena Pelorse. Os filhos são os reflexos dos pais num lar sustentado pelo amor cristão. A mãe sempre levava o pequeno Julião à igreja onde era dada uma bênção do Santíssimo Sacramento. Isto era para ele fonte de graças, provocando em seu coração o extraordinário amor a Jesus na Eucaristia. Certa ocasião, aos 5 anos de idade, desapareceu de casa e o encontraram perto do tabernáculo numa atitude de oração e adoração. Três vezes por dia dirigia-se à igreja para a santa missa e visitas ao Santíssimo Sacramento, com uma fidelidade admirável. Tinha como lema de sua vida: Trabalho e oração. Servir ao OUTRO e aos outros.

Aos doze anos, após ter recebido os sacramentos da confirmação e da eucaristia, manifestou aos pais o desejo de ser padre... Aos 20 de julho de 1834, pelas mãos de D. Felisberto Bruilhard, foi ordenado sacerdote. Alguns aspectos mais salientes na vida do jovem sacerdote:

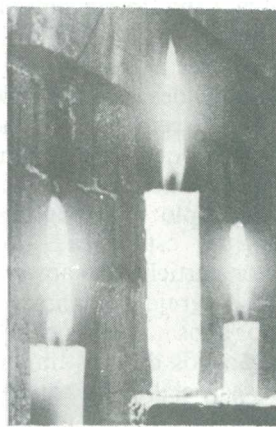
a) Era através de prolongada permanência em adoração diante do Tabernáculo que preparava os seus planos apostólicos.

Homem de oração, sabia transformar o trabalho em oração. b) Apóstolo da Palavra de Deus, aproveitava todas as ocasiões para pregar Jesus Cristo, na missa, nas visitas ao Santíssimo Sacramento, catequese, grupo de adultos. c) Nas visitas aos doentes, procurava estar à beira de uma cama do enfermo, comunicando a certeza da fé que transforma o sofrimento em paz e amor. d) É o Sacerdote da Eucaristia. e) Amor aos pobres. f) Devoção a Maria: "Depositei aos pés de Maria meu novo encargo. Está combinado entre ela e mim, que ela será a diretora". E a 18 de abril de 1853 era lançada a primeira pedra da Congregação do Santíssimo Sacramento. A 1º de agosto de 1868 terminava a sua peregrinação terrestre para contemplar face a face aquele Jesus que contemplou, com tanta fé e amor, no Santíssimo Sacramento. A 30 de outubro de 1899 iniciaram-se os processos de beatificação em Paris. Aos 12 de julho de 1925, o papa Pio XI declara Bem-aventurado o Pe. Pedro Julião Eymard. A 9 de dezembro de 1962 o papa João XXIII elevava às honras dos altares o Pe. Pedro Julião Eymard. Na audiência o papa João XXIII disse: "O seu traço característico, a idéia matriz de todas as suas atividades foi a Eucaristia, o culto e o apostolado eucarístico"...

O segredo da santidade do Pe. Pedro Julião Eymard foi "Tudo pela Eucaristia e tudo para a Eucaristia". O seu traço es-

sencial é a busca do Infinito e do Eterno nos insignificantes limites e nas frágeis aparências de uma Hóstia.

A mensagem que São Pedro Julião Eymard nos deixou é esta: "Os homens precisam se reencontrar com o Deus Redentor e pequenino, através do sacrifício, que levava, e da pequenez que se enobrece na Hóstia Eucarística, a qual traduz melhor a condição dos homens pobres, humildes, sacrificados, injustiçados, dando-lhes a força de reivindicar os direitos na justiça e na caridade". Se a consulente deseja mais detalhes deste Santo da Eucaristia, pode consultar o livro "São Pedro Julião Eymard", Pe. JOÃO PIA-SENTIN, S.S.S. — Editora Vozes.



1.961

AS VELAS

Qual o significado de se acenderem velas? (H. P. C. — Governador Valadares, MG).

Há muitos significados ao se acenderem velas. Acende-se simplesmente a vela, ligando este ato de esperança à certeza de al-

cançar uma graça. Sem as condições internas que tornam as nossas ações aceitas a Deus, é um ato supersticioso. Não são as velas que agradam a Deus ou alcançam dele as graças, mas sim, as disposições internas espirituais do homem que se comunica com o Senhor.

O fogo que arde e consume a matéria tem para a nossa religião um valor simbólico. É por isso que a liturgia usa o fogo, as velas, para simbolizar que este elemento, que é fonte de calor e de luz, está intimamente ligado à vida e representa a alma humana dotada de inteligência (luz), de amor (calor) e enriquecida pela fé (luz espiritual). Na liturgia, o fogo, a chama ardente:

a) exprime a nossa homenagem a Deus. b) simboliza a fé na presença de Cristo Ressuscitado entre nós.

Pode-se dizer que as velas acesas devem ser elemento externo que demonstram nossa fé e confiança em Deus a quem se presta um culto de louvor e adoração. Jamais uma vela acesa deverá ser tida como condição necessária para se obter uma graça.

Na missa, sobre o altar são acesas duas velas durante a celebração da missa. As velas têm um significado simbólico: significam a luz da fé, que nós cristãos recebemos do Cristo, Luz do mundo, no dia do nosso batismo. Elas nos fazem lembrar que a missa só tem sentido para aqueles que têm fé, pois, além das coisas visíveis, a missa encerra o Mistério.

LIBERDADE E SEGURANÇA

Geraldo Barboza de Carvalho

Um dos grandes inimigos da liberdade é o excesso de segurança. Quanto mais segurança, menor a chance de liberdade; na medida em que a segurança impede o viver arriscado, que é uma componente essencial do ato livre.

A liberdade é privilégio do homem no Planeta. Liberdade no sentido de autodeterminar-se, de decidir sobre o que fazer da vida, que destino imprimir-lhe, quaisquer que sejam as condições existenciais em que nos encontremos, aparentemente predeterminantes de nosso destino. A liberdade é uma conquista permanente sobre os determinismos que a cada instante se abatem sobre nós e nos tentam a abdicar de nosso apatrimônio maior: determinismos sociais, culturais, econômicos, religiosos; determinismos da dor, do sofrimento não escolhido, das contradições e infidelidades humanas; determinismo da aparente implacabilidade do destino, das forças ocultas da tragédia humana. Ser livre é reencontrar-se, a cada minuto, a cada hora, a cada dia que passa dentro desse aluvião de determinismos diversos, seja ele de aparência divina. Pois, nem mesmo Deus pode tirar de nós este poder sagrado, sob pena de negar-se como Criador. Aos olhos dele, cada ser humano merece muito respeito, respeito que um ser livre deve a outro.

Ninguém nasce livre, no sentido acima definido. Nem tampouco existem condições, em si mesmas, favoráveis ao exercício da liberdade. O conforto excessivo, não obstante ser aparentemente condição favorável ao exercício da liberdade, pode ser motivo de uma escravidão imperceptível: a escravidão do consumismo



indiscriminado, em que nos deixamos levar pelo usufruto imbecil como finalidade, fazendo de nós autênticas lagartas vorazes e incapazes de dizer “não” a um tão ardiloso determinismo. Também o sofrimento, em si, não é um obstáculo à liberdade. Enfim, nada em si determina atos livres, mas só o homem é capaz de se autodeterminar, assumindo seus atos com toda a responsabilidade. Só nós mesmos, cada um de nós, somos ponto de partida inicial de cada ato livre nosso; ponto de partida que é uma conquista a cada instante repetida sobre os determinismos que nos rodeiam, tal qual uma fatalidade inexorável.

Um dos grandes inimigos da liberdade é o excesso de segurança. Quanto mais há segurança, menor a chance de liberdade; na medida em que a segurança impede o viver arriscado, que é uma componente essencial do ato livre. Cada ato livre e assumido por nós contém riscos inevitáveis, na medida em que as consequências de nossos atos nem sempre

são controláveis, ou estão ao nosso alcance, podendo mesmo voltar-se contra nós. Até mesmo nossos atos livres mais puros, de mais valor elevado, podem ser uma arma contra nós. Sem que isto signifique um depoimento contra a liberdade e a favor da segurança castradora. Entregar-se à segurança em troca ou com medo da liberdade é indigno do homem: é uma covardia existencial.

Quer isso dizer que temos de viver em completa insegurança pessoal e social? Não. Isto quer dizer que as melhores condições de segurança para o exercício da liberdade, que não tolha o exercício da liberdade, são aquelas em que cada um possa decidir de seu destino e não impedir a liberdade de outros. A segurança no sentido de manutenção da ordem pela força é uma anticondição da liberdade; é, antes, fator de insegurança, de medo, de castração do poder de arbítrio pessoal.

Concretamente, como se apresentam as condições mínimas para o exercício da liberdade? As condições mínimas do exercício da liberdade encontram-se no reino da Lei legítima, no reino do Direito. Lei legítima é aquela aplicada igualmente para todos: para o rico e para o pobre, para o eleito e para o eleitor, para o Governante e para os governados, para o operário e para o patrão, para os pais e para os filhos. Quando não há cumprimento legítimo da Lei, instala-se o reino do arbítrio, da insegurança pessoal e social, tolhendo-se as condições mínimas de segurança para o exercício da liberdade. Quando não temos certeza de que não seremos usados arbitrariamente por outros que não respeitam o Direito, quando nos é tirada a possibilidade de arriscar com responsabilidade nosso destino, nos são tiradas as condições mínimas de segurança para o exercício da liberdade sem constrangimentos. E, nestas condições, agir livremente é autêntico heroísmo.

Quer dizer, o reino da Lei legítima é aquele da igualdade de direitos

e deveres, em que os direitos de cada um encontram seus limites naturais nos seus deveres e obrigações para com o outro. Só sou obrigado a fazer pelo outro aquilo a que tem direito legitimamente. Se não o fizer, estou desrespeitando o outro, sendo arbitrário, tirando-lhe a condição mínima do exercício da liberdade.

A condição fundamental para o exercício da liberdade é o respeito que cada um deve às livres iniciativas do outro. Respeito que consiste em não julgar os atos realmente livres dos outros, por mais que aparentemente sejam censuráveis. Pois, cada um tem sempre motivos suficientes para fazer o que faz. Por isso, "não concordo com nada do que dizes (ou fazes), mas morreria defendendo o direito que tens de dizê-lo (ou dizê-los)", diz Voltaire. É preferível correr o risco de escolher mal com liberdade, do que ser forçado a agir com segurança, mas sem assumir responsabilidade pelo que se faz, isto é, sem agir livremente. A segurança tolhedora do risco está nos antípodas da liberdade. Tem mais mérito quem se insurge soberanamente contra tal segurança, do que aquele que a ela se acomoda passivamente, por medo ou por conforto. Segurança sem liberdade é próprio para irracionais, para animais de engorda, que precisam ser protegidos contra a voracidade de outros animais. Mas para o homem, a melhor segurança é aquela criada pelo exercício da liberdade, e a maior insegurança é aquela criada pelo excesso de segurança. O russo Alexander Soljenitzin diz que o "excesso de prudência é o começo da covardia". Podemos dizer que o excesso de segurança é o início da escravidão, o estopim das irresponsabilidades humanas, do lado de quem oprime e do lado dos oprimidos.

Não se trata de colocar os oprimidos contra os opressores, sob pena se de praticar, agora, aquilo que se condenava antes. Trata-se de os oprimidos exigirem seus direitos dentro da legalidade, forçando o surgimento ou restabelecimento das condições mínimas de segurança para o exercício da liberdade. A violência seria o último recurso usado na obtenção de seus direitos. A Índia de Ghandi é o mais belo exemplo de como se conseguem os direitos humanos pela não violência, pela resistência pacífica.

O FANATISMO QUE DESUMANIZA

José Fernandes de Oliveira

Todo fanático é um anormal e age de maneira anormal.

Uma das coisas mais deformadoras da mente é o fanatismo, seja ele religioso ou político. A palavra *fanático* se aplica àqueles que têm um zelo religioso ou político excessivo, cego, intolerante. É característica do fanático não apenas enunciar sua verdade como a única, mas agir para que sua verdade se imponha sobre todas as demais, não importa com que meios, uma vez que se considera iluminado de maneira especial e acima do comum dos mortais. Em suma, ele está certo e, porque está certo, tudo o que puder fazer para que o outro se converta para o seu modo de pensar ou crer, também é válido. Há fanatismos que param a um certo ponto. Há fanatismos que vão até às últimas consequências e, se preciso, aprisionam, machucam ou matam.

Não deixa de ser uma espécie de loucura ser de tal forma adepto de um partido ou de uma religião, que se recorra ao uso da violência ou de estratégias violentas para fazer prevalecer o seu ponto de vista. Todo fanático é um anormal e age de maneira anormal.

Foi o caso daquela senhora que, sabendo que eu era padre, negou-se perentoriamente a chamar a sua vizinha, a quem eu telefonara para marcar o dia de visitar sua avó enferma que há anos não se confessava nem

comungava. Disse-me pelo telefone: "Aqui não há ninguém com este nome e, se houvesse, eu não daria o recado porque não tenho nada a ver com idólatras na minha casa. Se quiser, venha procurar pessoalmente essa mulher. Eu não quero cooperar com satanás..."

Fui e descobri que a vizinha morava ao lado. Descobri ainda que ela barrara, com todos os estratagemas, a visita de qualquer católico que procurasse aquela família, porque Deus lhe dissera que era sua missão salvar aquela família dos laços da besta de Roma... Um amigo meu soube, depois, que ela fora muito aplaudida na assembleia de sua Igreja e elogiada pelo pastor, porque lutara valentemente por Jesus contra um agente de satanás...

Os que pensam que saímos da Idade Média em termos de religião precisam repensar seus argumentos. Ainda há muita gente naquele clima de caça às bruxas, de um lado e de outro. Felizmente, porém, os bons cristãos e políticos, homens e mulheres de bom senso, ainda são ouvidos. E será por causa desses crentes e políticos sensatos de todas as religiões e de todos os caminhos, que virá a libertação. Só se liberta o homem com a liberdade. E o fanático não sabe o que é ser livre nem o que significa libertar... •



Quando se concebe a libertação do pecado de modo exageradamente espiritualista, o conceito de liberdade cristã se desvirtua e perde a sua força. Ao contrário, se a liberdade cristã se encarna de fato no projeto da liberdade humana, nossa mensagem adquire credibilidade, desmascaramos as inautênticas doutrinas de salvação, abrimos ao homem o horizonte da liberdade total.

José Cristo Rey Garcia Paredes é sacerdote claretiano, Diretor do Estudo Claretiano de Comenar Viejo (Madri) e professor do Instituto Teológico de Vida Religiosa de Madri e atualmente do Studium Theologicum de Curitiba.

O GRITO DA LIBERDADE

José Cristo Rey Garcia Paredes

Consciência de escravos

A liberdade é o grito e a mais freqüente aspiração do homem contemporâneo. Paradoxalmente, nossos desejos de liberdade correspondem a uma experiência profundamente marcada de opressão. Nossa psicologia vem-se complicando devido ao progresso, à educação não diferenciada — às vezes até insalubre e contaminada — do ambiente instável que temos vivido.

A escalada de todos estes condicionamentos nos tem convertido em enfermos crônicos de sufoco e opressão interior. E o mais curioso é que esta sensação profunda, presente nos indivíduos, de forma mais forte nos mais civilizados, converteu-se no clichê que se repete em outras áreas de sua existência.

A escravidão daqueles que não podem subsistir como homens, por causa de sua penúria econômica ou cultural e religiosa, coexiste e corresponde, em relação de causa, à inquietação delirantemente neurótica e opressora dos enriquecidos egoisticamente, com os bens materiais, culturais e até mesmo religiosos. O acorrentamento moral e, às vezes, físico daqueles que em sua resistência exigem condicionamentos sociais de liberdade pública e política como direitos inequívocos de toda pessoa humana, denuncia o poder tirânico que os ditadores experimentam em si próprios, os quais, com sua intransigência, não conseguem segurança interior, nem chegam a culminar seus

desejos de grandeza, e sentem continuamente o infantil medo de ser derrocados.

O grito de liberdade se torna mais estarrecedor quando o homem sente a opressão daquilo que ele julga “sobrenatural”. Sente-se oprimido por um Deus “que aperta”, “que afoga”, que atemoriza, que destrói a aventura da liberdade. E, face a eles, estão os “manipuladores do sagrado”, aqueles que carregam, sobre os ombros dos outros, pesos que sequer eles suportam; os que institucionalizam a religião em proveito próprio, em última instância como desejo de liberdade para esquecer e desafogar suas próprias repressões.

Esta múltipla experiência de opressão e escravidão corresponde a diversas exigências de uma mesma liberdade. Definir esta liberdade não significa fazer súbitas distinções entre o divino e o humano. Numa visão unitária, o homem chega a ser completamente livre quando aceita o dom da liberdade que Cristo lhe conquistou pelo contínuo sacrifício de sua vida.

Liberdade! Uma oração a Cristo

A libertação de Cristo é não somente (embora sim, principalmente) libertação do pecado. Sua força chega até à origem da liberdade natural do homem e se estende por todas as manifestações desta liberdade original. Não se pode pensar que a liberdade cristã permaneça *desencarnada*,

ou ao lado da liberdade humana. Não se identificam nem se confundem, como também não se confundem o ser homem e o ser Deus em Cristo Jesus, embora estejam unidos na mais misteriosa interação.

O grito de liberdade é, em todas as suas modulações, uma oração a Cristo. A súplica insistente que faz perenemente válida a redenção. O grito de liberdade é aquele que faz a apologia da Igreja como sacramento da redenção de Cristo ou comunidade de libertação. A partir da liberdade, a mensagem da Igreja é digna de fé e a vida do cristão invejável.

Igreja em dinâmica de liberdade

Por isso, a primeira instância, iniludível para a Igreja, é a de criar um âmbito de liberdade real em si mesma. Suas instituições deixariam então este lastro opressor que é herança de séculos e de épocas naquelas que o grito de liberdade era mais fraco. Sua teologia seria fermento em todo pensar humano, porque seria concreta, orientada para o homem e para suas situações mais díspares e mutáveis. Seria incluído o pensamento destruidor de muitas pseudolibertações do homem e desmascarador de ideologias. Na sua moral, enquanto mensagem e exigência de liberdade, a Igreja introduziria os cristãos na aventura de uma liberdade sempre nova.

Quando se concebe a libertação do pecado de modo exageradamente espiritualista, o conceito de liberdade cristã se desvirtua e perde sua força. Então, a expensas do cristianismo e do desconhecimento de Cristo-Libertador (terrível responsabilidade para a Igreja!), os homens buscam o prazer e a vertigem de uma *liberdade dos instintos*, repelindo essas repressões impostas por uma moral desumanizante ou por sua infantilóide noção de pecado.

Em contrapartida, se a liberdade cristã se encarna de verdade no projeto da liberdade humana, nossa mensagem adquire credibilidade, desmascaramos as inautênticas doutrinas de salvação, abrimos ao homem o horizonte da liberdade total.

Conquista após conquista, a esperança de libertação tornar-se-á cada dia maior. •

Benefícios do diálogo

Isidoro De Nadai

O diálogo respeitoso e adulto feito com abertura enriquece.

Alguns aspectos importantes da vida cristã ficaram, durante algum tempo, no esquecimento mas o diálogo com outras denominações cristãs tem-nos ajudado a resgatá-los.

Parece-me que o mais evidente entre tais aspectos é o que se refere ao uso da Sagrada Escritura. No calor da controvérsia sobre a Tradição, que os evangélicos desprezavam, e sobre o livre exame da Bíblia, que eles pregavam, a Igreja praticamente retirou das mãos dos católicos os livros sagrados. Tanto isso é verdade que, se alguém se punha a caricaturar um protestante convicto e um católico devoto, ele desenhava o primeiro com a Bíblia debaixo do braço e o segundo com um manualzinho litúrgico na mão, ou com o terço entre os dedos. Quer dizer: o evangélico ia à fonte, ao passo que o católico leigo a ela não tinha acesso diretamente.

Pelo amor de Deus, não imaginem que eu esteja ridicularizando os instrumentos litúrgicos ou o terço! Sublinho apenas um ponto em que a beligerância religiosa criou sérias distorções de um lado e de outro. Nossos irmãos evangélicos precisam aprender o valor imprescindível da Tradição e da Igreja como um organismo vivo, que conta com a presença do Espírito, como nós, os católicos, já vamos reaprendendo o valor fundamental da leitura e da meditação da Palavra de Deus. Precisamos enriquecer-nos mutuamente.

Outro ponto fundamental, que a polêmica distorceu, foi o da compreensão e da vivência dos sacramentos. Os reformadores e seus seguidores negavam a existência de quase todos os sacramentos e não admitiam a

eficácia dos sacramentos em si. Ensinavam que os frutos dos mesmos provinham exclusivamente da fé. Por reação apologética, os católicos se fixaram demasiadamente na eficácia dos sacramentos em si, de maneira que freqüentemente caímos no ritualismo. Confundimos eficácia com automatismo. De tal modo nos esquecemos que os sacramentos necessitam de nossa colaboração para que atualizem sua eficácia que, freqüentemente, encontramos dificuldade em promover os encontros de preparação para o batismo e para o casamento. Muitos católicos imaginam que bastam a celebração e o ritual. Ora, isso é praticar do sacramento o que ele tem de menos essencial.

E a questão das imagens?

Acredito que o diálogo ajudará nossos irmãos crentes a compreender que Deus foi o primeiro que as criou. Ele fez o homem “à sua imagem e semelhança”, diz a Bíblia. E o apóstolo Paulo nos garante que Cristo é “a imagem substancial do Pai”. Deus sabe que nós precisamos das coisas visíveis para chegar às invisíveis. Por outra parte, creio que nós, católicos, precisamos cuidar-nos para não cair no imagismo e para não beirar a superstição no trato com as imagens. Precisamos entender que a imagem é feita para levar-nos ao que ela representa e não para reter-nos em si própria. E quem diria que isso não acontece até com bastante freqüência em nosso meio?

Certamente, haveria outros pontos a destacar, mas creio que estes sejam os mais visíveis e didáticos. Restrinjo-me, pois, a eles. •



Bíblia: o povo que faz sua história, palavra de Deus

Ana Valim

Para que um povo tenha identidade e possa resistir a toda opressão externa é vital que resgate a sua história, suas experiências do dia-a-dia, suas derrotas e vitórias e que reflita em cima da caminhada para que tenha força de continuar a viver e fazer a Palavra de Deus.

Um povo é forte quando sabe cultivar sua memória histórica, suas lutas, derrotas e conquistas. As experiências do dia-a-dia são pontos altos de reflexão para uma continuidade da caminhada popular.

Por muito tempo, no decorrer da história, um povo oprimido, porém forte e sábio, feito de gente simples e gente instruída — agricultores, pescadores, pastores, donas-de-casa, prostitutas, profetas, reis, apóstolos, sacerdotes e evangelistas — viveu e coletou suas experiências através de escritos ou passadas de boca em boca. Estas palavras faladas ou escritas contribuíram para formar e organizar o povo de Deus; assim nasceu um livro — a Bíblia — “Fruto de um mutirão prolongado do povo que procurava descobrir, praticar, escrever e transmitir aos outros e a nós a Palavra de Deus presente na vida”, como diz o teólogo Carlos Mesters.

Hoje, quando enfrentamos uma época dura de crise, a caminhada do povo de Deus continua e a sabedoria popular se manifesta, sempre como

um grito profético de esperança. Lá na Região de São Miguel, Belém, São Paulo, está funcionando desde maio do ano passado o Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel — CEMI, onde “o povo produz comunicação para o povo”.

Livro da vida

Neste mês de setembro, todo dedicado à Bíblia, é muito importante discutirmos o valor enorme que este livro tem para a nossa caminhada de povo que busca sua libertação econômica, política e social. Como podemos constatar, a Bíblia é toda ela um hino de libertação para todos os povos, baseada na história de um povo específico, o hebreu. Para se escrever a Bíblia foram necessários mais de mil anos, e este trabalho teve início mais ou menos no ano 1250 antes de Cristo, sendo que o ponto final foi dado cem anos depois do nascimento de Jesus.

É interessante notar que este livro é mesmo da vida, o povo que o escre-

veu foi fazendo-o nas diferentes situações: a maior parte do Antigo e do Novo Testamento foi escrita na Palestina, sendo que algumas do Antigo Testamento foram escritas na Babilônia, quando o povo estava no cativeiro. Outras ainda o foram no Egito. Quanto ao Novo Testamento, há partes escritas na Síria, na Ásia Menor, na Grécia e na Itália, tendo em vista as muitas comunidades fundadas e visitadas por São Paulo. A Bíblia foi escrita em três línguas diferentes: hebraico (a maior parte do Antigo Testamento), aramaico (uma parte bem pequena do A. T.) e grego (o livro da Sabedoria do A. T. e todo o Novo Testamento). Na Bíblia o culto a Deus é sempre ligado à vida do povo que o esquece, muitas vezes, na alegria e o invoca na opressão.

Deus libertador

O Deus da Bíblia é um Deus que liberta desde o início. É aquele que não pode ouvir os clamores do povo que sofre... “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu

clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8). É aquele que interfere através do seu povo: “Vai, pois, e eu te enviarei ao faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel”, disse Deus a Moisés.

É lógico que a mensagem libertadora da Bíblia assusta. O próprio Moisés se espantou: “Senhor, eu não tenho facilidade para falar e isto desde há muito tempo” (Ex 4,10). Agora, o Deus da Bíblia é teimoso e espera sempre uma ação libertadora no meio de seu povo: “Dize-me: quem deu a boca do homem? Quem faz ao surdo e ao mudo? Quem faz ao que vê e ao que não vê? Por acaso, não sou eu?... Bem, então: Adiante! Eu estarei em tua boca e irei te inspirar o que há de dizer” (Ex 4,10-12).

A presença de Deus no meio do povo questiona tudo o que oprime e provoca ânsia de libertação.

O passado presente

Segundo Carlos Mesters, “A Bíblia saiu da memória do povo. Nasceu da preocupação de não esquecer o passado”. Neste sentido, o povo de Israel, o da Bíblia, tem muito a nos ensinar, nós que em geral não temos conhecimento do passado, não nos empenhamos em coletar a nossa história. É muito importante que neste momento de incertezas a gente se volte para os sinais de esperança que estão se sucedendo ao nosso redor. É comum os jornais noticiarem, apesar das dificuldades, que muita gente está tentando mudar a situação: são pais de alunos que pintam a escola; são desempregados que se unem no cultivo de uma horta comunitária; são famílias que buscam uma solução para o alto custo de vida nas compras comunitárias; é a população toda de um bairro que sai em passeata nas ruas para reivindicar melhorias; são os trabalhadores do campo e da cidade que fazem greve para que haja melhores condições de vida, enfim... é o povo que se junta em mutirão e assim faz a sua história, que continua sagrada porque é do povo.

Por outro lado, as experiências

do passado são tão importantes quanto as do presente e podem nortear a nossa caminhada atual. Quantos profetas nossos passaram e passam despercebidos, brasileiros, latino-americanos que deram suas vidas na luta pela justiça! De repente, nós ficamos ligados a nomes e datas que nas escolas, por pura conveniência, nos passam e nos obrigam a decorar. Precisamos ir mais fundo na nossa história, descobrir nesta gente toda “sem nome”, nos profetas do nosso tempo, os reais valores na luta pela libertação do nosso povo.

São Miguel: juntando experiências

Como se sabe, a Sagrada Escritura conta com 73 livros, dispostos no Antigo e Novo Testamento. A Bíblia traz histórias do povo hebreu, como também seus provérbios, profecias, cânticos, salmos, lamentações, cartas, sermões, orações, filosofia, meditações, romances, cartas de amor, biografias, genealogias, poesias, parábolas, tratados, leis que organizam o povo, fatos concretos e narrações simbólicas. Como afirma Carlos Mesters, “Conta os fatos do jeito que foram lembrados pelo povo. Histórias de gente pecadora que procura ser santa. Histórias de gente opressora que procura converter-se e ser irmão. Histórias de gente oprimida que procura libertar-se”.

Por outro lado, é o próprio Carlos Mesters quem ressalta que “A Bíblia nasceu de um chamamento de Deus, escondido no chão da vida do povo”. Isto significa, de certa forma, que toda tentativa autêntica de se passar a experiência histórica de um povo que caminha à luz da fé, é uma continuação da Sagrada Escritura, adaptada ao tempo presente. Para se ter uma idéia, o Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel faz muito bem esta continuação da Bíblia hoje. O CEMI edita e publica o jornal mensal “Grita, povo”, os cadernos de educação popular, além de audiovisuais, e realiza projetos para incentivar a cultura do povo na região. Mas o que é muito importante nesta iniciativa é a participação das comunidades na elaboração de todo o material de reflexão. Como disse Elizabete Costa Dantas, uma das responsáveis pelo CEMI, o

centro é ponto de encontro e de troca de experiências do pessoal das comunidades e conta com cerca de 40 colaboradores divididos em várias frentes: vídeo-cassete, jornal, serigrafia, cadernos de reflexão, projeto criança, teatro, cine-fórum, projeto memória. E, por falar nisso, vem sendo desenvolvido o projeto de documentação que pretende coletar entre a população documentos que tenham importância histórica para a região, como também dar uma visão geral sobre a história da Igreja no Brasil a partir dos oprimidos. De acordo com Elizabete Dantas, é necessário discutir com o pessoal que existe uma memória histórica e que “o passado reflete no presente e dá pistas para um trabalho futuro”.

Elizabete Dantas disse ainda que o centro popular é dinâmico, não é levado para frente por pessoas de fora. “É a gente que faz, que está envolvido neste trabalho, não é alguém desligado, mas pessoas que estão trabalhando nas comunidades”.

Livretos de sabedoria

Além do jornal “Grita, povo”, que é um tremendo grito de denúncia, mas também de esperança, o CEMI edita os cadernos de educação popular, elaborados a partir das reflexões e experiências das próprias comunidades da região de São Miguel.

Nas novenas de Natal, Campanhas da Fraternidade, o CEMI com o apoio e participação de membros das comunidades elabora manuais específicos para a região. Os textos dos livretos expressam a realidade local: “A Bíblia diz que não haverá morte antes do tempo. Que aos cem anos ainda se será jovem”... Lutar hoje pela saúde é sinal de vida nova?... Sempre que nos unimos nas lutas por vida decente, mostramos que acreditamos no poder deste menino! “Já fizemos várias assembleias de saúde para termos nosso hospital e ambulatório. Que todos saibam: só pelas nossas organizações conseguiremos nossos direitos”.

No livreto sobre a campanha da Fraternidade “Para que todos tenham vida” a preocupação maior foi com os marginalizados e oprimidos: os povos da América Latina, o negro, a mulher, o menor abandonado, os trabalhadores.

Tendo em vista que um dos maiores problemas da região de São Miguel é o da terra, o da posse, diversas publicações do CEMI são voltadas para isso. O "Alô, gente sem terra!", lançado para convocar o pessoal para a assembléia do último dia 22 de julho, procura refletir as causas da falta de moradia para a maioria da população: "Por que o povo não tem terra pra morar? Existe participação, organização e consciência desta luta de terra?". O folheto traz ainda informações de como cadastrar as áreas livres da região Leste, como pagar o terreno, entre outras.

Além dos problemas sociais locais, segundo Elizabete Dantas, do CEMI, as publicações visam também esclarecer as comunidades sobre os Problemas políticos e econômicos não só do Brasil, como também da América Latina no contexto mundial. Em cima da Semana de História na Região São Miguel, recentemente realizada, foi elaborado um livreto com os temas debatidos. Na apresentação do "O povo vai julgar" a equipe do CEMI enfatiza que "A história da libertação é a história do povo" e acrescenta que, "apesar do poder do opressor, o sonho e o desejo de uma sociedade justa e fraterna não morreram no coração do povo; por outro lado, ficou claro que, nesta caminhada rumo ao Reino de Deus, se aprendemos e acertamos, não deixamos de cometer erros e sabemos que ainda há muito que corrigir e construir".

Assim como os livros da Bíblia, livretos de sabedoria popular, e fruto de toda uma reflexão das comunidades no decorrer de milhares de anos de história do povo judeu, também as cartilhas do Centro Popular de São Miguel são livretos de sabedoria, fruto da reflexão das comunidades locais. É vital para a preservação de um povo o registro de sua história. Como afirma o folheto "O povo vai julgar", que relata as conferências dadas em torno dos 20 anos de regime militar no Brasil, "os últimos 20 anos foram marcados por sofrimentos e dores. Apesar de toda repressão e obstáculos, a organização popular sempre resistiu e esta resistência não pode ser apagada de nossa memória". A Bíblia é a Palavra de Deus vivida pelo povo no decorrer de sua história. E a história continua... •



A BÍBLIA SAGRADA — Introdução geral —

História dos hebreus

Há pouco menos de 4.000 anos, grandes povos viviam às margens do Mediterrâneo na Ásia e na África. Formavam as duas grandes potências: Caldéia e Egito. Entre esses dois grandes reinos achavam-se pequenos países, como a Síria e Canaã (esta também chamada *Palestina*). Diversas tribos viviam da cultura e dos produtos dos seus rebanhos. Uma dessas tribos era constituída pelos hebreus, que provinham do patriarca Abraão. Este homem e a sua família, oriundos de Ur da Caldéia, emigraram para a Palest-

na quase 2.000 anos antes da nossa era.

Com a vida de Abraão e de seus descendentes começa a **História Santa Sagrada** que a Bíblia nos conservou. Vamos situar os acontecimentos bíblicos no curso da história geral do mundo antigo.

* * *

ABRAÃO emigrou para a Palestina na época em que reinava na Caldéia o grande rei Hamurabe. Antes de Abraão, é impossível fixar uma data para os acontecimentos mencionados nas Escrituras.

A vida nômade e agrícola das tribos provenientes desta emigração durou cerca de 400 anos. Em seguida, os hebreus — chamados *Povo de Israel*, de acordo com o sobrenome dado por Deus ao patriarca Jacó — retiraram-se para o EGITO e ocuparam a região do delta do Nilo, que era a mais rica e produtiva de todo aquele país.

Tornaram-se escravos dos egípcios. Pelo ano 1250, Deus suscitou-lhes um libertador, na pessoa de MOISÉS. Sob a sua guia os hebreus passaram o Mar Vermelho para se dirigirem à terra de Canaã. Depois de sofrida caminhada de 400 anos pelo deserto e numerosas guerras, os israelitas iniciaram, finalmente, a conquista da PALESTINA pela tomada de Jericó, sob o comando de JOSUÉ.

A terra ocupada foi distribuída em 12 territórios, de acordo com as 12 tribos. Estas foram progressivamente estabelecendo-se nas montanhas e nos vales de Canaã. Seguiu-se um período difícil de caracterizar. Os israelitas viviam em lutas contínuas com os antigos moradores dessas regiões. Este período, chamado dos JUIZES, durou cerca de 200 anos.

O pequeno povo dos hebreus foi desenvolvendo-se aos poucos, até que conseguiu organizar-se como um reino no meio dos seus vizinhos. O último juiz, SAMUEL, que era também um profeta, terminou, depois de não pequena hesitação, por conceder ao povo a constituição de um REINO. Saul foi sagrado rei um pouco antes do ano 1000.

SAUL não passou de um pequeno rei local. O seu reino era prelúdio de algo maior. Estava reservado a DAVI, seu sucessor, firmar o poder real, primeiramente sobre a tribo de Judá, em seguida sobre o conjunto de todas as tribos israelíticas.

A Davi sucede, em 970, SALOMÃO, que organiza o reino de Israel, faz a aliança com o Egito e com Tiro e constrói o Templo de Jerusalém.



Pouco depois de sua morte, sob o reinado de Roboão, surge entre as tribos um desentendimento, que resulta no CISMA, em 931. AS 10 tribos do Norte separam-se das de Judá e de Benjamim, para constituírem o reino de Israel, independente. O reino de Israel subsistirá por dois séculos, tendo por capital a cidade de Samaria. Em 722, Sargon I, rei da Assíria, conquista Samaria e a povoação de gente estrangeira.

O reino de Judá escapou a este calástrafe e continuou a existir, sob a forma de um estado-tampão entre as duas potências rivais: o Egito e a Assíria (bem depressa subjugada por Babilônia).

O rei Josias, em 622, empreende uma vasta reforma religiosa e social, cujos efeitos foram de breve duração. O reino de Judá foi declinando aos poucos, até a expedição de NABUCODONOSOR, que em 597 se apodera de Jerusalém.

O conquistador transforma a Judéia em estado vassalo, deporta para a Babilônia uma parte da população e estabelece um vice-rei: Sedecias. Mas, como em 589 este se revoltou, Nabucodonosor cerca outra vez Jerusalém e a incendia em 587. A quase totalidade da po-

pulação foi então deportada para a Mesopotâmia, ficando o país conquistado sob a administração de um governo caldeico.

49 anos durou o exílio, até que Ciro, rei da Média, autorizou a VOLTA DOS DEPORTADOS, sob a direção de Zorobabel.

Os israelitas, privados de seus reis, procuram organizar-se em forma de comunidade religiosa. Em 332 a Palestina inteira é conquistada por ALEXANDRE MAGNO.

A partir de 323 a Judéia passa sucessivamente sob o domínio da dinastia dos generais de Alexandre, que dividiram entre si o grande império grego. Pouco depois, entre 175 e 164, os judeus atravessaram um período de grandes tribulações e perseguições por parte do rei da Assíria, ANTÍOCO EPÍFANES. Foi a época da revolta e da guerra santa de libertação, empreendida pelos irmãos MACABEUS (Judá, Jônatas e Simão).

Com Simão macabeu a Judéia readquire autonomia que durará cerca de um século. É o período da dinastia dos ASMONEUS, descendentes dos macabeus.

No ano 63, Pompeu, general romano, invade a Palestina, reduzindo-a a uma PROVÍNCIA RO-

MANA. Pouco mais tarde, César a divide em 4 partes, governadas cada uma por um *tetrarca*. Um príncipe judeu, Herodes Magno, é nomeado tetrarca da Galiléia.

No ano 7 da nossa era, o governo da Judéia é confiado a um procurador romano.

Entre os anos 7 e 6 NASCE JESUS CRISTO.

Novo movimento de independência, que provocou afinal a represália romana, uma guerra civil e o último sítio de Jerusalém. O imperador romano Tito entra em Jerusalém no ano 70 da nossa era. com a **DESTRUIÇÃO DA CIDADE SANTA** termina a história dos antigos israelitas.

Observe, pois, que Jesus nasceu uns 6 anos antes do ano 1(!). Foi um pequeno erro de cálculo. Porque só se pensou na divisão da história do mundo em duas partes quando já se tinham passado mais de 500 anos do nascimento de Jesus. Jesus morreu na cruz provavelmente no ano 30. O apóstolo Paulo converteu-se aproximadamente em 36. Pedro e Paulo sofreram o martírio em Roma aí pelos anos 65-67. O apóstolo João viveu até o ano 100.

A BÍBLIA EM GERAL

Foi no seio do povo hebreu que nasceu a Bíblia.

A Bíblia é a coleção dos livros que contêm a Palavra de Deus. Esses livros a Igreja os considera como escritos sob a inspiração do Espírito Santo. A Bíblia é uma mensagem que Deus dirigiu e continua a dirigir aos homens.

A palavra grega **BÍBLIA** significava originariamente OS LIVROS. Em latim, este termo transformou-se num singular e passou a designar exclusivamente a coleção dos textos que formam a Sagrada Escritura.

A Bíblia completa contém 73 escritos (71, 72 — conforme diversas maneiras de contar), obras de numerosos autores, tendo cada um deles características próprias.

Os títulos destes Livros lembram por vezes o nome dos seus autores, outras vezes o nome dos seus destinatários ou ainda os assuntos que neles são tratados. Não conhecemos o nome de muitos desses autores. Alguns escritos são o produto de uma colaboração ou constituem uma coleção de textos antigos compilados posteriormente. Os autores bíblicos viveram em lugares e em ambientes muito diversos: cada um deles imprimiu na sua obra traços de sua personalidade.

Mas, como todos eles escreveram sob a inspiração e assistência

divina, o próprio Deus, deve ser tido como o autor primário e principal de toda a Bíblia.

* * *

A Bíblia divide-se em 2 partes: **ANTIGO TESTAMENTO, NOVO TESTAMENTO**. O termo **TESTAMENTO** substitui atualmente um antigo vocábulo grego que significa *pacto* ou **ALIANÇA**. Com efeito, em toda a Bíblia trata-se da Aliança feita por Deus com os homens, primeiramente por intermédio de Moisés e em seguida pelo ministério de Jesus Cristo.

É sumamente útil lembrar como foi feita cada uma dessas coleções.

A coleção dos livros do **ANTIGO TESTAMENTO** originou-se em meio à comunidade dos judeus. Eles foram ajuntando os escritos no decorrer da história. Dividiram-na em 3 partes:

Torá, Neviim, Quetuvim

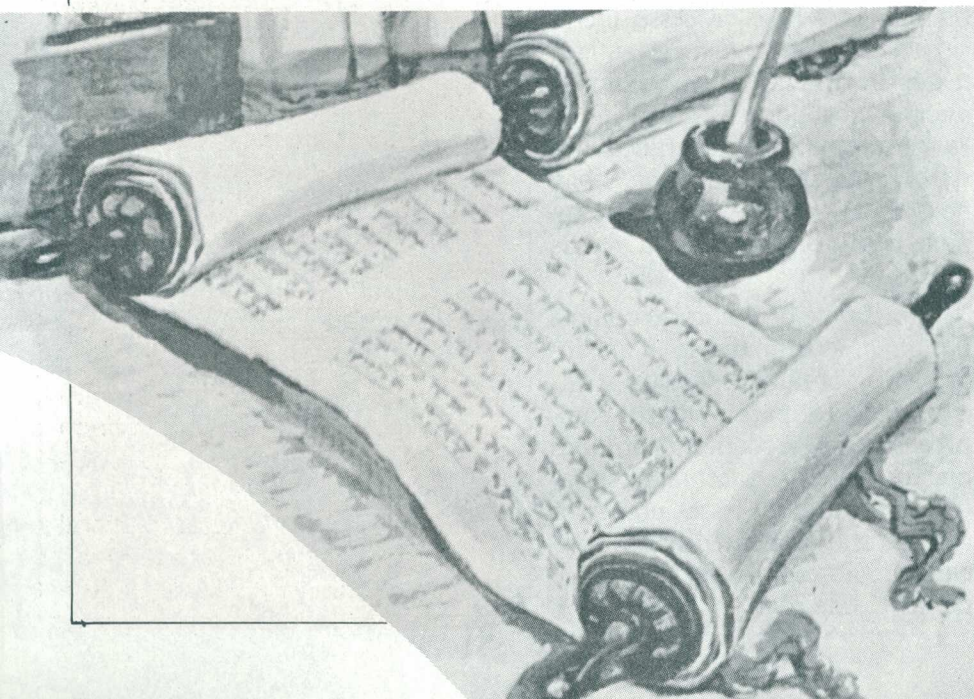
— palavras que significam *Lei, Profetas, Escritos*.

É a essa divisão que se refere Jesus quando fala de “a Lei e os Profetas” (ver Mt 7,12; 22,40).

A referida coleção já estava terminada no segundo século antes da nossa era.

Nessa mesma época os judeus já estavam, em parte, dispersos pelo mundo além. Uma importante colônia judaica vivia então no Egito, nomeadamente em Alexandria, onde se falava comumente a língua grega. A Bíblia foi então traduzida para o grego. Foram acrescentados alguns escritos novos que, porém, os judeus de Jerusalém não quiseram reconhecer como inspirados. São 7 livros (Tobias, Judite, I Macabeus, II Macabeus, Sabedoria, Eclesiástica, Baruc), 7 trechos de Ester e 3 de Daniel. A Igreja os tem como inspirados, da mesma forma que os outros livros.

No tempo da Reforma, os protestantes, depois de terem hesitado



por algum tempo, decidiram não admiti-los nas suas Bíblias, pelo simples fato de não fazerem parte da Bíblia hebraica primitiva. Daí a diferença que há ainda hoje entre as edições protestantes e as edições católicas da Bíblia. Quanto ao Novo Testamento não há diferença alguma.

A Bíblia católica divide geralmente os livros do Antigo Testamento do seguinte modo:

Pentateuco — 5 livros, **Narração (história)** — 16 livros, **Ensino (Sabedoria, Sapienciais)** — 7 livros, **Profecias** — 18 livros. Total, 46 livros (alguns contam 44 livros, unindo Jeremias-Lamentações-Baruc).

A coleção dos livros do **NOVO TESTAMENTO** começou a formar-se na segunda metade do primeiro século da nossa era. Estão assim distribuídos:

Narração (história) — 5 livros, **Ensino (Cartas)** — 21 «livros» — **Profecia** — 1 livro.

As duas coleções (AT e NT) que formam a Bíblia foram logo traduzidas do grego para o latim. A tradução latina mais espalhada é a “Vulgata” (“vulgarizada”), feita por São Jerônimo à base dos textos originais hebraico e grego, no fim do quarto século.

* * *

Os livros da Bíblia apresentam um **CONTEÚDO** de extraordinária variedade. Acham-se aí, por exemplo:

fragmentos de epopéia;
narrações propriamente históricas;
listas genealógicas;
narrações episódicas ou romanceadas;
oráculos proféticos e sermões;
textos legislativos;
poemas e orações;
ensaios filosóficos;
um canto de amor;
cartas.

Todos estes documentos são testemunhos da evolução da reli-

gião do verdadeiro Deus ao longo da história do povo hebreu.

Diante de tamanha diversidade de assuntos, mormente se não perdemos de vista a redação desses mesmos documentos, que se estendem por um período de cerca de 1.000 anos, facilmente se pode compreender por que as interpretações nem sempre coincidem entre si.

Os antigos hebreus não escreviam *história* como os historiadores modernos. Os 11 primeiros capítulos do Gênesis, por exemplo, não foram escritos como aula sobre as origens da humanidade. Muito menos como lições de astronomia ou de história natural. Esses capítulos contêm — numa linguagem simples e figurada, adaptada às inteligências de uma humanidade pouco desenvolvida — as verdades fundamentais necessárias ao conhecimento da mensagem da salvação, bem como a descrição popular das origens do gênero humano e do povo eleito.

Todos sabem que o *poeta* não escreve como o cientista. Ele usa muitas liberdades de linguagem (imagens, comparações, amplificações) que um historiador não se permitiria. Ninguém ignora, igualmente, que as *tradições populares*, em geral imprecisas, sempre embelezaram os heróis e ensombream os inimigos. Esse processo literário encontra-se nos mais antigos textos da Bíblia. Sabe-se como a mentalidade popular gosta de fixar em cantos a lembrança dos seus heróis; desses cantos a Bíblia nos conserva numerosos exemplos, como o hino sobre a vitória de Josué.

Por fim, é bem notório como a *parábola*, a comparação, a anedota, a própria fábula, são sugestivas e apropriadas para ajudar a compreensão de verdades profundas ou abstratas. Os autores inspirados utilizaram-se desses processos com o intuito de inculcar mais facilmente no espírito do leitor ensinamentos de caráter religioso.

SIM VOU SER... PADRE DE SION



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria.

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

PADRES DE SION
INFORMAÇÕES

Secretariado Vocacional de Sion
Rua Lino Coutinho, 444
Fone: (011) 63-7489
04207 - São Paulo, SP

A PALAVRA DIVINA

José Geraldo Vidigal de Carvalho

É preciso acolher a palavra divina num coração bom e sincero e colocar em prática aquilo que ela exige.

○ Apóstolo São João abre seu evangelho com este luminoso trecho: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio em Deus. Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que foi feito, foi feito sem ele” (1,1-3). Foi este Logos eterno que um dia “se fez carne e habitou entre nós” (idem 14). Assim toda a História da Salvação está marcada por Sua presença.

Uma das parábolas narradas pelo Filho de Deus e que Ele relacionou com a palavra divina foi a do semeador. Este lança a semente que vai germinar de acordo com o local em que é lançada. Cristo explica aos discípulos: “A semente é a palavra de Deus” (Lucas 8,11).

Impossível descrever em plenitude, com cores vivas e reais, a grandiosa e magnificante eficácia da palavra divina. Com termos humanos não se pode abarcar sua grandiosidade ou tracejar sua força formidável.

Alguns raios de seu fulgor extraordinário fulgem nas Escrituras Sagradas. Aí aparece sua eficácia através de fatos inegáveis.

Tudo que existe no universo é o resultado dela. Criadora, dela promana o que foi criado. O Gênesis repete a expressão “Deus disse...” e vai descrevendo o aparecimento da luz, do firmamento, das águas, da terra, das árvores, dos astros, dos animais, do homem (Gên 1). Maneira pedagógica de mostrar que o Criador existe, mas acentuando o poderio do verbo divino que cria e sustenta no ser todas as coisas.

Através dos Profetas e dos Patriarcas esta palavra obrou os prodígios mais estupendos, como se pode verificar na história do povo escolhi-

do. E como observa a carta aos hebreus: “Depois de ter falado a nós, os pais pelos profetas, Deus nos falou pelo seu filho” (Heb 1,1s).

Dentre as maravilhas operadas pelo verbo onipotente de Cristo durante sua vida pública, prodígios que os evangelhos a cada passo registram, aquele fato estupendo que honra nossa raça, que dignifica nossa estirpe, que engrandece nossa linhagem, fato que tanto tem de estupendo, quanto de irradiante amor, tanto de assombroso, como de terno, foi o resultado desta eficaz e poderosa palavra: a instituição da Eucaristia. Cristo toma o pão e diz: “Isto é meu corpo”; e sobre o vinho fala: “Este é o cálice do meu sangue”, e logo baralham-se as leis da natureza, uma nova economia é regulada. Sob as espécies de pão e de vinho aniquila-se o Verbo de Deus, para ser nosso companheiro de jornada, para conosco permanecer até à consumação dos séculos.

Há quase dois mil anos o Salvador anunciou a perenidade de sua Igreja ao asseverar que as portas do inferno jamais prevaleceriam contra ela. A milenar história eclesial comprova a eficácia destas afirmativas de Cristo. Geração após geração ela vê desaparecerem seus cruéis perseguidores. Os ataques violentos de seus ardilosos inimigos tornam muitas vezes o mar encapelado, as ondas ficam bravias e revoltas, mas ela é sempre vitoriosa, cumprindo sua sublime missão salvífica, firme naqueles dizeres onipotentes. Peregrina, teândrica, sofre as vicissitudes desta condição, mas jamais desaparecerá, porque seu Fundador isto assegurou.

Pobres pescadores, homens rudes, ignorantes, tímidos e até covardes, os

Apóstolos recebem o Espírito Santo e iniciam a pregação. Tudo se transforma dentro da história. Milhares se convertem num só dia em Jerusalém. Os ídolos ruem de seus tronos. Vícios são extirpados. Virtudes florescem por toda parte. Multidões acorrem para junto do Redentor. A fé se difunde por todos os quadrantes. O Evangelho se irradia nos mais remotos rincões.

Quem deteve a Saulo, quando, olhos flamejantes pela ira e pelo ódio, ia rumo a Damasco para prender os que acreditavam em Jesus de Nazaré? Foi a palavra de Deus: “Saulo, Saulo, porque me persegues?” Cena admirável se dá então: tocado, fulminado por aquele verbo celestial, Saulo cai por terra. Está cego. Luz celestial ilumina o seu interior, ele recupera a visão do exterior, e já não é mais Saulo, mas Paulo, o apaixonado por Cristo, que vai empreender as quatro mais frutuosas viagens missionárias dos primórdios do cristianismo, disseminando, no mundo conhecido de então, o amor de Jesus Cristo.

Quanta razão tinha, pois, Davi ao cantar solenemente no salmo vinte e oito a força da palavra divina, que se manifesta com poder e magnificência. Ela, que derruba os cedros do Líbano, faz tremer o deserto de Cades, contorce os carvalhos, destrói as florestas. Verbo onipotente que permanece para sempre, estável como o céu (Salmo 118,89, 1 Pedro 1,25, Isaías 40,8).

Não basta, porém, maravilhar-se ante estes fulgores. É preciso acolher a palavra num coração bom e sincero e colocar em prática aquilo que ela exige.

Muitas e numerosas vezes Deus fala ao homem. Sempre transformante é este verbo poderoso.

Quem ouve esta palavra e responde, correspondendo à mesma, sempre contempla coisas maravilhosas em derredor de si.



A Bíblia, Deus que se revela

Alceu Luiz Orso

Deus se comunica em cada texto para cada um de nós.

1 — *Bíblia, o livro dos séculos.* A Bíblia não é somente um livro, é uma biblioteca inteira, abrangendo um conjunto de livros que somam um total de 73, com os mais diversos gêneros literários. A Bíblia é o maior "best-seller" do mundo, é o livro mais traduzido, vendido e lido. Cada geração lê com tal atenção e interesse como se fosse uma obra inédita do momento.

No documento *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, lemos: "O Concílio exorta a todos os fiéis que leiam freqüentemente as Divinas Escrituras e deste modo aprendam a eminente ciência de Jesus Cristo".

Na maioria dos lares cristãos se encontra a Bíblia ou pelo menos o Novo Testamento. Além de possuir uma Bíblia em casa, o importante é lê-la, procurar entendê-la e colocar a

mensagem lida em prática. É preciso viver e difundir a Bíblia. Infelizmente, ficou esquecida durante longo tempo, mas, a partir do Concílio Vaticano II e principalmente nos últimos anos, surgiu novo espírito, ânimo e interesse por este livro sagrado, principalmente na instituição do mês bíblico, setembro.

2 — *A Bíblia é a história de um Deus que se revela.* A Bíblia não é um livro de história universal, nem um tratado científico que ensina como se formou o mundo, as leis que regem o universo. Ela nos apresenta Deus que se manifesta aos homens, a fim de que o homem possa conhecê-lo. A revelação de Deus somente atinge o seu pleno sentido quando o homem o escuta, acolhe e segue. Deus revelou-se de várias maneiras ao homem:

a) *Através da criação:* São Paulo aos Romanos 1,20: "Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, seu eterno poder e divindade se tornaram sensíveis à inteligência pelas suas obras". É a revelação universal, pois todos os homens, de todos os tempos, podem conhecer a Deus pela criação. Ela manifesta o poder e a sabedoria de Deus.

b) *Pelas extraordinárias obras da história da salvação.* Fatos que naturalmente são inexplicáveis e que manifestam claramente a vontade e a providência de Deus em alguns momentos particulares. Por exemplo, as pragas do Egito (Ex 7-12), o maná (Ex 16, etc...). Estes fatos nem sempre são milagrosos, mas, nas circunstâncias em que aconteceram, manifestam a ação de Deus.

c) *Por palavras.* As narrações e tradições populares referentes a fatos históricos e às experiências religiosas constituem também um meio para ajudar a compreender o sentido e a atenção de Deus e sua vontade de salvar o homem.

d) *Pela pessoa de Jesus Cristo.* No dizer de S. João (1,14), "o Verbo se fez carne e habitou entre nós". Jesus exprime, na sua existência, vida, morte e ressurreição, toda a realidade e vontade de Deus. Cristo supera toda palavra pronunciada e ouvida, porque Ele é a própria Palavra viva que veio ao mundo.

3 — *Conteúdo.* Sendo muito ampla e variada, o conteúdo da Bíblia não se pode resumir em poucas linhas. Por isso tentarei resumir-lo em algumas idéias-chaves, como:

a) *Promessa.* Há uma infinidade de promessas; o Deus da Bíblia é o Deus que está ao lado do homem, caminha com ele. Deus promete e cumpre:

— Deus promete a Abraão uma descendência numerosa (Gen 12,2), promete a posse da terra de Canaã (Gen 12,7).

— A Moisés promete livrar os israelitas da escravidão do Egito e levá-los à terra que mana leite e mel (Ex 3,6-9).

— A Davi promete um sucessor no trono, que seu trono será firme para sempre (2Sam 7,12-16).

— A Acáz promete o nascimento de um salvador, que se chamará Emanuel, Deus-conosco (Is 7,14; 11,1-9; Miq 5,1-3).

b) *A Aliança.* É o pacto contraído no Sinai, entre Deus e o povo de Israel (Ex 24,7-18) e que foi renovado por Josué na entrada em Canaã (Jos 24), pelo rei Josias (2Rs 23,3) e, depois do exílio, por Esdras (Ne 10,1). A aliança é um compromisso de mútua fidelidade entre Javé e o povo de Deus. Javé adotou Israel, deve defendê-lo e guiá-lo, e Israel por sua vez não deve admitir nenhum Deus fora de Javé. A fórmula frequentemente repetida é: “Eu serei vosso Deus e vós o meu povo” (Jer 7,21-23; Dt 29, 12-13).

c) *Amor.* É uma realidade que aparece desde o Gênesis até o Apocalipse. O amor de Deus aparece claramente na eleição, nas leis... Eis alguns textos para meditar sobre este tema do amor de Deus para com o povo (Dt 7,7-8; Is 43,4; Jer 31,3; Os 11,1-4; Jo 3,16).

d) *Verdade.* A palavra de Deus é verdadeira, não só no sentido de que não se engana, não há erro, mas no sentido de que Ela transmite a verdade, aquela verdade que vem de Deus e que o homem precisa conhecer para encontrar o caminho da vida, a plenitude de suas ânsias e desejos infinitos (Jo 17,17). A procura da verdade na Bíblia deve consistir nisto: a mensagem que Deus comunica em cada texto para cada um de nós.

PRECE

Pe. André Carbonera, cmf

Meu querido Deus,
com licença!...

Tudo bem?...

Não posso dizer o mesmo...

As coisas vão de mal a pior...

Mentira?...

Não, meu Deus!... Absolutamente!

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

A chuva não pára...

Muita gente perdeu tudo...

Milhares de pessoas não têm roupa, alimento, abrigo...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Inúmeras doenças prejudicam

o povo.

Há muito sofrimento, muito!...

E os remédios estão caríssimos...

A fome castiga, Senhor!...

É duro ver tanta criança sem leite, sem pão, sem carne...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Os rios estão cheios...

Os campos se acham tomados

pelos águas...

Os animais emagrecem...

Casas desapareceram...

O povão sofre...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

O ar está superúmido...

As paredes enegrecem...

O mofo toma conta...

Até parece que as pessoas

“emboloram!...”

O povão sofre...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Vede, Senhor, não há empregos

suficientes...

Sem emprego,

o dinheiro não vem...

Sem dinheiro, hum!, cadê a comida, o agasalho, a moradia?!...

Nem quero falar no médico,

no dentista, na escola!...

O povão sofre...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Por que, meu Deus,

tantos ganham pouquíssimo?...

Por que, meu Deus,

poucos percebem tanto?...

Senhor, as coisas não param

de subir...

A gente dá uma piscadinha,

e pronto: Tudo subiu!...

E quem leva a culpa é o diabinho da inflação!...

O povão sofre...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Dizem, meu Criador,

que devemos usar ônibus...

E os danados dos ônibus vivem

mudando de preço...

E sobem... sobem... sobem!...

O povão sofre...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Ah, outra coisa, meu Amigão:

precisamos de mais segurança...

Sim, sim!

Necessitamos de mais Anjos

da Guarda, mais, mais!...

Não se pode pôr o nariz

fora da porta!...

O perigo nos cerca...

A criança, o jovem, o coroa,

o idoso, todos temem!...

O povão sofre...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Senhor, Justiça Eterna,

onde foi parar a justiça humana?...

Sim, para os “grandes e os ricos”

ela existe!...

Porém, e a classe média

e os pobres?...

Pois é!...

O povão sofre...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Está certo, meu Deus,

somos pecadores!...

A gente Vos ofende...

A gente nega vossa existência...

A gente abusa...

Claro, magoamos Nossa Senhora...

magoamos Jesus!...

Tudo isso vai pesando...

Maaaaaasssss, Senhor, tende

compaixão da gente!...

O povão sofre...

Por favor, Pai do Céu, salvai-nos!

Salvai-nos! Salvai-nos!

Por favor, Pai do Céu!

Por favor, Pai!

Por favor!

Por hoje, é só!...

Achais pouco, meu Deus?!...

Fico esperando...

Ficamos aguardando...

SOBRE A AUTENTICIDADE

Mauro Martins AmatuZZi



O autêntico não é o que não tem segredos. Todos nós os temos.

O autêntico é aquele em quem você pode confiar.

A verdade do pensamento e a concordância entre ele e a realidade.

A verdade da vida é a concordância entre o viver e o ser da pessoa.

Quando você denuncia uma situação injusta pronunciando palavras verdadeiras sobre ela, mas não faz nada do que você poderia fazer para mudar, não move uma palha, suas frases podem ter sido verdadei-

ras, mas seu viver foi mentiroso, enganoso.

Suas frases e palavras estão dentro do seu viver e participam da verdade dele. Uma palavra verdadeira vinda de uma vida mentirosa é uma palavra pelo menos suspeita.

Você é sincero se diz o que pensa. Se seu agir corresponde ao seu que-

rer. Se a sua expressão corresponde ao seu sentimento.

Você será uma pessoa congruente se o seu querer superficial estiver de acordo com o seu querer profundo, mais íntimo. Se o seu pensamento estiver fecundado pela sua experiência e pela realidade. Se o sentimento, de que você se dá conta, corresponder aos sentimentos mais escondidos que moram em você nesse momento.

Você será uma pessoa autêntica se for ao mesmo tempo sincera e congruente. Quer dizer, se sua ação corresponde à sua consciência, e esta, à sua experiência. Se sua comunicação concorda com seus pensamentos e sentimentos, e estes, com o seu ser mais profundo.

Acontece que sua experiência não é passiva somente. Ela depende de sua ação.

Coerente é aquele cujas ações correspondem às convicções. Mas desgraçado dele se suas convicções não estiverem baseadas em sua ação e experiência. Daí ele será um escravo de si mesmo, e suas convicções, fora da realidade, serão tiranas.

Se as convicções estiverem fora da realidade, a pessoa, incongruente, não estará em contato consigo mesma. Sua experiência, seu ser profundo, aquele que é aberto para o real e que conversa com o real através da ação, sua experiência, digo, está trancafiada nos porões. E suas convicções ficam desligadas do real e da experiência.

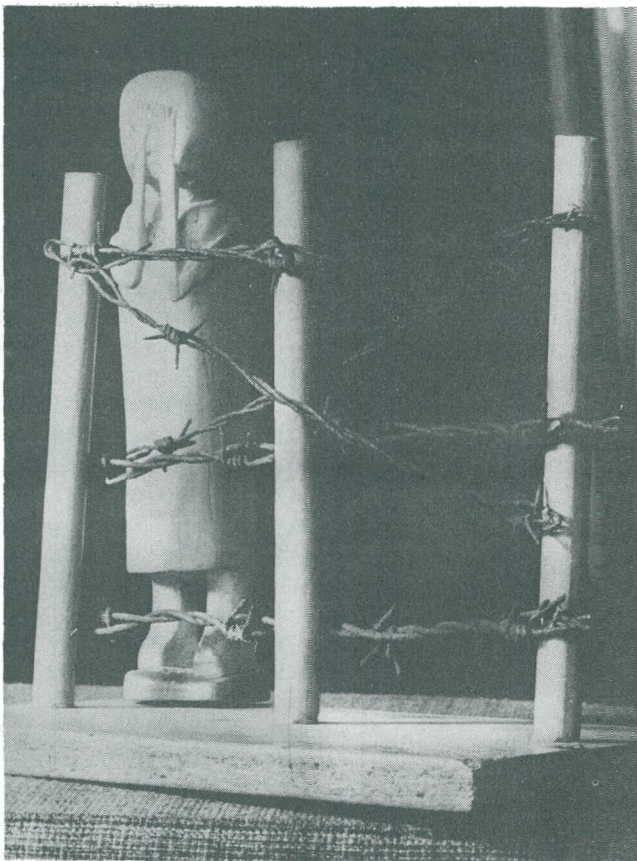
Uma palavra será então portadora de verdade não somente se ela corresponder à realidade. Mas se a vida de quem a pronuncia for verdadeira também.

Existe um erro quando se fala da autenticidade. É pensar que a pessoa autêntica é aquela que diz e faz tudo aquilo que lhe dá na cabeça. Não é nada disso.

O autêntico não é o que não tem segredos. Todos nós os temos. O autêntico é aquele em quem você pode confiar. Você sabe com o que pode contar. Porque seu viver tem raízes.

Direitos humanos

9



A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, aqui apresentados, serve de subsídio para os que desejam conhecer melhor, estudar e discutir sobre os Direitos Humanos.

ARTIGO IX. Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Serão de refúgio estas seis cidades para os filhos de Israel, para o estrangeiro e para o que se hospedar no meio deles, para que nelas se acolha aquele que matar alguém involuntariamente (Nm 35,15).

A prisão não pode obedecer ao capricho, mas deve respeitar as normas jurídicas. Não se pode admitir que mesmo o homem mais suspeito possa ser preso arbitrariamente e desaparecer sem

mais no interior de uma prisão. Enviar alguém para um campo de concentração e mantê-lo aí sem nenhum processo regular é zombar do Direito (Pio XII, *Alocução aos membros do VI Congresso de Direito Penal*, 1953).

Toda pessoa deve ser protegida contra prisão arbitrária ou qualquer outra interferência nos direitos humanos fundamentais (*Declaração da II Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas*, Evanston, 1954).

(Leia também: Is 51,14; 61,1.)

PARA REFLETIR E DISCUTIR NOS GRUPOS:

1. Sabe de alguém que foi preso arbitrariamente? Qual a reação que você teve ao saber de tal notícia?
2. Conhece alguém que desapareceu sem mais no interior de uma prisão? Como reagiram os que conheciam essa pessoa?

COMO LEVAR O ALCOÓLATRA AO TRATAMENTO

Donald Lazo

Todo alcoólatra precisa de uma força motivadora que o faça procurar auxílio a fim de abandonar a bebida.

No livro "ALCOOLISMO — Os Mitos e a Realidade", pelo Dr. James Milam e a jornalista Katherine Ketcham, que tanto tenho recomendado e que pode ser adquirido através da Chácara Reindal, gostaria de transcrever um trecho do capítulo intitulado "Como Levar o Alcoólatra ao Tratamento".

"Sem auxílio a maioria dos alcoólatras não pode abandonar permanentemente a bebida. Atua uma combinação de fatores para aprisionar o alcoólatra em sua dependência. No estágio inicial, de adaptação, antes de se desenvolverem os problemas sociais e psicológicos, nem o alcoólatra nem os que estão ao seu redor percebem qualquer razão pela qual ele deva deixar de beber. Quando os problemas começam a se desenvolver, a bebida em demasia é, em geral, vista como um mero sintoma, e o alcoólatra pode ser aconselhado a obter auxílio para seus "problemas subjacentes". Mais tarde, quando o próprio excesso de bebida está contribuindo claramente para seus problemas, é mais provável que ele e outros concluam que deva diminuir a bebida, não que a deixe de uma vez.

Tipicamente, só quando os sintomas mais espalhafatosos do alcoolismo se desenvolvem é que alguém sugere que o alcoólatra deve parar de beber completamente. Nessa ocasião, seus processos mentais estão sob a firme influência da dependência, e sua necessidade de beber encobre todas as preocupações a respeito das conseqüências nocivas de continuar a beber. Ele talvez compreenda que deva parar e, sob pressão, pode até tornar-se abastémio por uns tempos. Mas, sem nova perspectiva quanto ao problema e uma força sustentadora suficientemente poderosa para sobrepular a dependência, todos esses

períodos de abstinência são temporários.

Com maior freqüência, o alcoólatra rejeitará qualquer idéia de que deve parar de beber. Como que numa penumbra, ele pode compreender que seus problemas estão ligados à bebida, mas a dependência cega-o para o fato de ser o álcool o causador desses problemas. O álcool é seu primeiro socorro e seu remédio. É o remédio efetivo para o sofrimento psicológico e físico que sente, aliviando imediatamente sua angústia e tensão, fazendo suas mãos pararem de tremer e seu estômago de dar voltas, permitindo-lhe pensar mais claramente e agir com mais normalidade e, particularmente nos últimos estágios da doença, provendo-lhe os únicos momentos em que consegue aliviar seu sofrimento. Quando ele pára de beber, o verdadeiro problema começa. Tensão, frustrações, tremores, irritabilidade e náuseas se tornam por fim tão insuportáveis que ele tem de beber porque o álcool é a maneira mais rápida de aliviar o padecimento.

O alcoólatra necessita de auxílio, e necessita o mais rápido possível. *Tem sido de todo desacreditada nos últimos anos a crença amplamente aceita de que os alcoólatras precisam "chegar ao fundo do poço" antes que possam ser ajudados.* Esperar que o alcoólatra compreenda que ele necessita de tratamento é simplesmente um engano, porque, entregue a si mesmo, é provável que ele se torne menos propenso a procurar tratamento. Se o tratamento for retardado até o alcoólatra estar tão devastado por sua moléstia que o fígado e o encéfalo apresentem danos permanentes, que sua esposa o tenha abandonado, que seu empregador o tenha demitido e que ele está vivendo da

caridade governamental, esse atraso pode ser fatal.

O alcoólatra que ainda se firma em seus pés, que mantém um emprego e cujo casamento está intacto pode insistir em que não tem problemas e obstinadamente se recusa a buscar auxílio. Ele mente, rouba e trapaceia para proteger seu direito de beber. Porém, suas fraudes e recusas não são indicações de que o tratamento* falhará. Não importa o quão acirradamente o alcoólatra combata os que desejam auxiliá-lo a parar de beber; ele pode com maior freqüência ser ajudado do que não. Bem mais da metade dos alcoólatras atualmente em tratamento bem-sucedido foi forçada a isso contra sua vontade; eles não queriam parar de beber, mas certas crises em suas vidas puseram-nos contra a parede e os forçaram a procurar ajuda. Para um alcoólatra, a força motivadora pode ter sido a esposa, com a ameaça de fazer as malas e ir embora, caso ele não procurasse auxílio; outro pode finalmente ter concordado em entrar em tratamento depois de ficar embriagado e destruir o carro. Os alcoólatras dos estágios iniciais e intermediários têm sido impelidos a tratamento por cônjuges que planejam divórcio, empregadores que ameaçam demissão, juízes que oferecem a escolha de tratamento ou prisão, senhorios que ameaçam despejo e médicos que previnem sobre as conseqüências fatais de continuar bebendo".

*Presume-se que estamos falando de tratamento apropriado.



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoolismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcoolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

"Programa Sílvio Santos"

Rosana Costa Chrispin

Os programas de televisão, por mais movimentados e coloridos que sejam, sempre refletem a sua ideologia. Este artigo é um subsídio para a análise do "Programa Sílvio Santos" que ajuda a compreensão das mensagens de consumismo e submissão a que é induzido o telespectador.

Mercador de sonhos? Vendedor de ilusões? Se de ilusões também se vive, nada melhor para descobrir as contradições da sociedade que esse programa dominical, dono dos maiores índices de audiência nas TVs, e aliás, propriedade do apresentador, Sílvio Santos.

Mas como, num país que apresenta tantas diferenças entre as classes sociais, não permitir que a imagem do ex-camelô que venceu na vida pelo esforço e pelo trabalho próprios (dono do império do Baú da Felicidade) seja a projeção dos sonhos dos que compõem a maior e menos favorecida parcela da população brasileira? Como negar ao povo a fantasia de resolver, da noite para o dia, todos os seus problemas de dinheiro, de ser o "feliz ganhador" de prêmios que prometem dar tranqüilidade para o resto da vida?

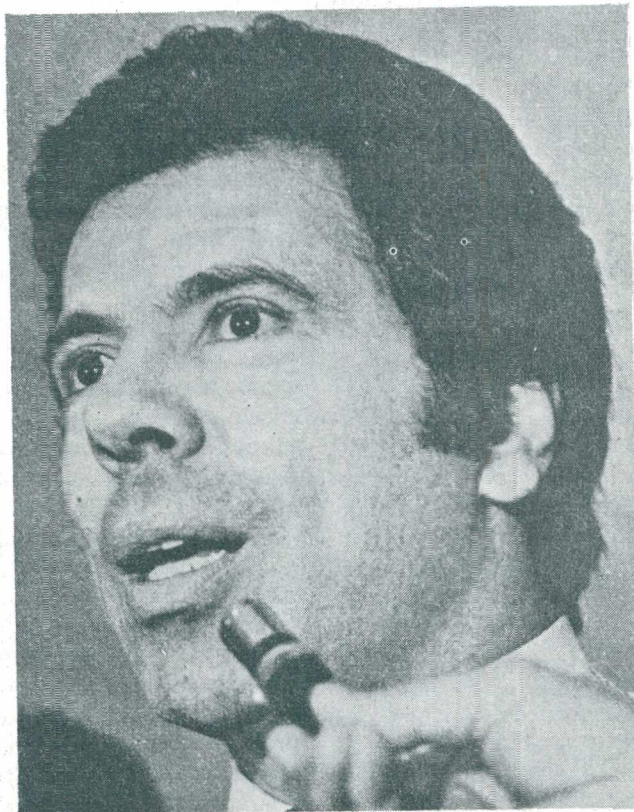
Numa época de crise econômica e de empobrecimento da maioria das famílias, uma das alternativas que as pessoas menos informadas e marginalizadas das decisões políticas do País vislumbram é projetar suas aspirações nas possibilidades de realização que Sílvio Santos oferece. Além do carnê do Baú e dos prêmios, pode-se perceber a tentativa de trabalhar com o processo de identifica-

ção do espectador para com os artistas apresentados, que seriam transmissores de referenciais para o consumo de produtos, ao cantarem "jingles" publicitários, ao apresentarem seus discos, etc.

O programa visa atingir todas as faixas de público, prolongando-se por 9 horas consecutivas com "atrações" para as crianças, para a família, para as moças casadeiras. Neste particular, trabalha-se a nível das carências individuais, ou seja, da solidão. As pessoas que participam do "Namoro na TV" reproduzem e reforçam o valor de importantes instituições como o casamento e a família. Mas, ganham prêmios por isso: têm o início de seu relacionamento documentado num clima de contos de fadas. Infelizmente, assim se resume todo o conceito de felicidade e de aspirações pessoais: passa-se a idéia de que o moço ou a moça vão encontrar apenas no casamento a felicidade completa, ou que, depois de uma experiência frus-

trada, de uma desilusão amorosa, poderão encontrar o par perfeito para serem "felizes para sempre". Tudo é resolvido com muita simplicidade e, mesmo que os espectadores tenham problemas insolúveis de relacionamento ou econômicos, através do programa poderão, a nível simbólico e de identificação, realizar seus sonhos e criar possível um mundo melhor, com prêmios e casamento. Aos que não têm essa sorte, passa-se a idéia de que o "mundo é assim mesmo" e que as coisas ruins que acontecem são "vontade de Deus". Assim nunca se parte para o pensamento crítico das atuais condições de vida; do ponto de vista econômico ou político. Ao contrário, o "Programa Sílvio Santos" exhibe a "Semana do Presidente" sendo seguramente um dos seus melhores propagandistas, jamais abrindo espaço para qualquer informação que possibilite uma crítica negativa aos governantes.

Por fim, o programa de calouros



mostra que as pessoas menos favorecidas também são felizes, são criativas, inteligentes e, principalmente, bastante respeitadas por aquilo que fazem, seja cantando, dançando, ou imitando, inclusive estabelecendo comparações com calouros americanos, modelos talvez do que seria desejável.

Também este quadro oferece, por menor que seja, uma recompensa e uma possibilidade de se ganhar reconhecimento e aplausos.

O que se esconde na sucessão de quadros é a manipulação das pessoas e das emoções, o interesse puramente comercial do programa, o autoritarismo com que é tratado o público que vai ao auditório, onde há sempre alguém para reger os aplausos e as vaias.

Cantando, concorrendo a prêmios, julgando, aplaudindo, o auditório — e por extensão os telespectadores — acreditam estar participando, decidindo, opinando, não importando que tais atitudes estejam inviavelmente previstas pela produção do programa e pelo apresentador que insiste em qualificar a todos de “colegas de trabalho”.

Chamar a atenção com novidades, divertir e vender: estas são as preocupações de qualquer camelô, o que pouco se diferencia da estrutura básica do “Programa Sílvio Santos” que parece retomar tais elementos à exaustão.

PARA REFLETIR:

1. *Discuta o fato de que a produção do programa só permite às mulheres participarem do auditório. Quais as razões?*
2. *Procure reconhecer quais as estratégias utilizadas pelo “Programa Sílvio Santos” para promover produtos fora dos intervalos comerciais.*
3. *O programa sobreviveria sem a figura de Sílvio Santos? Quais os elementos que fazem dele um ídolo popular?*
4. *Compare os anunciantes do segmento dedicado às crianças (pela manhã) com o resto do programa. Analise a quantidade de produtos oferecidos nas nove horas de duração do programa. Afinal, quais os objetivos do programa?*

O infinito em ti

José Wanderley Dias

O infinito está contido em ti como igualmente estás contido no infinito.

A morte é o fim, mas ressuscitarás depois dela;

por isto não terminarás, e isto é ser infinito.

A dor te prostrará, te reduzirá, mas o alívio te levantará,

e, mesmo para a dor sem fim, existe a esperança sem fim;

e isto é ser infinito.

Teus erros te fazem mesquinho e pequeno,

mas o perdão é superior a eles, e, errando infinitamente,

encontrarás o perdão sem fim; e isto é ter o infinito.

Poderão algemar-te os pulsos, prender-te nas masmorras;

tua idéia, teu pensamento, porém, voarão com asas dos pássaros,

e isto é ser livre,

e isto não tem fim;

e isto é ser infinito.

O bom momento passa e tem fim;

poderás, porém,

revivê-lo na saudade,

e a saudade não tem fim,

e a saudade é tua;

portanto, tens o infinito.

Do fundo dos abismos

poderás ver as estrelas,

o abismo tem fundo e fim,

não o tem o firmamento,

e chegas a ele com os olhos

e, quando não com os olhos,

com o profundo desejo interior;

e isto é não ter fim,

e isto é ser infinito,

portanto, és infinito...

Se amas, mesmo que nada tenhas,

tens tudo, porque, se não amares,

e tudo tiveres, nada de fato terás,

mas, como amas, nada te falta,

e ter tudo é ser infinito,

portanto, és infinito...

Teus dias terminarão, mas

transmitirás a vida sem fim,

isto é ser infinito...

Pode ter limite o teu teto,

o teu cantinho,

o teu pequeno abrigo,

mas não se pode fixar um limite

para os castelos que fazes,

para os anelos que acalentas,

nem há um tamanho-limite

para a torre que imaginas

que te levará ao firmamento,

e, se teu castelo não tem limite,

e és tu quem o constrói,

tu mesmo não tens limite e fim;

portanto, és infinito.

Mesmo quando te arrastas, mísero

e triste em pranto,

e alguém se lembra de ti,

e alguém vai estender-te a mão,

ou vem solidário sofrer contigo,

é que não és tão mínimo quanto

te julgavas,

tanto que chegaste a um coração,

a uma alma,

e coração e alma não têm fim,

e como os conquistaste,

conquistaste o sem-fim,

logo és infinito, mesmo quando

te pensas nada...

As horas de sono podem

ser contadas,

e até cortadas,

mas isso não limita o quanto podes

conseguir com os sonhos,

e como és mais sonho do que sono,

tens à tua disposição o infinito,

e isto é ter o infinito.

E és realmente o infinito,

porque o Infinito mora em ti,

porque o Infinito se dividiu por ti

e por todos,

e qualquer divisão de infinito

só pode resultar em infinito.

E Deus está em ti,

e Te fez à sua imagem

e semelhança;

logo, por Ele e Nele és infinito;

vive, portanto, infinitamente

porque vives infinitamente...

Testemunho

MÁRTIRES LATINO-AMERICANOS DO NOSSO SÉCULO

Breves dados das vidas de cristãos latino-americanos que, neste século, procuraram viver em comunhão profunda com a vida de seu povo e por ele doaram suas vidas. São mártires porque se puseram a serviço de seus irmãos, no amor e na justiça.

Estes dados resumidos sobre os mártires latino-americanos foram extraídos do livro "Sangue pelo Povo", da Editora Vozes. E este trabalho de lenta e paciente compilação foi empreendido por diversos centros de publicação e documentação em vários países da América Latina.

1.º de setembro de 1979

JESUS JIMÉNEZ, "CHUS" - El Salvador

Camponês de 32 anos e pai de 4 filhos pequenos, delegado da Palavra, coordenador das comunidades em Aguilares. Mártir da caridade e da justiça. Assassinado às 3 horas da tarde pela Guarda Nacional, foi levado em palanque, atado de pés e mãos como um animal e atirado no corredor da paróquia de El Paisnal, de onde a mesma Guarda Nacional impediu que qualquer pessoa se aproximasse.

1.º de setembro de 1971

JÚLIO SPOSITO Uruguai

Estudante e militante cristão de 19 anos. Mártir das lutas de seu povo. Foi assassinado pela polícia enquanto participava de uma marcha pacífica em Montevideu para pedir o aparcimento com vida de dois dirigentes seqüestrados pelo Esquadrão da Morte. Júlio, membro ativo da Juventude Estudantil Católica (JEC), foi educador de "Infância e adolescência" deste movimento.

3 de setembro de 1976

RAMÓN PASTOR BOGARÍN - Paraguai

Bispo de San Juan Bautista de las

Misiones. Animador de movimentos de leigos, precursor da reforma de seminários, membro destacado do CELAM, em que chegou a ser presidente da Comissão de Leigos, fundador da Universidade de Assunção, dom Bogarín era particularmente sensível a todas as iniciativas que pudessem significar uma presença evangélica nas questões paraguaias e latino-americanas. Ainda em sua diocese de San Juan Bautista, enfrentou a ditadura como presidente da Conferência Episcopal Paraguai, sempre que eram violados os direitos humanos no país. Morreu repentinamente, aos 65 anos de idade, mas sua figura carismática e profética ainda prevalece na Igreja paraguaia.

14 de setembro de 1973

MIGUEL WOODWARD Chile

Sacerdote chileno. Trabalhou como operário e viveu em Población Progreso, bairro de Valparaíso, totalmente a serviço de seus irmãos mais pobres. Arrancado de sua casa de madrugada, durante uma batida, foi espancado até a morte. Miguel ingressou no seminário no Chile depois de concluir o curso de engenharia civil no King College, de Londres, que atualmente estabeleceu um prêmio chamado "Michael Woodward", para o estudante que se destacasse, não só pelo estudo, mas especialmente por suas qualidades humanas. Mi-

guel, operário e sacerdote, tinha 41 anos de idade. Ninguém sabe precisar o dia de sua morte.

15 de setembro de 1974

ANTÔNIO LLIDÓ - Chile

Sacerdote natural de Alicante, Espanha, de 38 anos. Exerceu trabalho pastoral em Quillota, Chile, desde 1969. Detido, brutalmente torturado em locais da Dirección de Inteligencia Nacional (DINA), atualmente se encontra desaparecido. Toda a sua vida foi dedicada às classes exploradas dos subúrbios.

17 de setembro de 1981

JOHN DAVID TROYER Guatemala

Missionário norte-americano. Mártir da justiça entre os camponeses de Tecpán-Chimaltenango, na Guatemala. Trabalhava no país havia alguns anos. Além de seu trabalho pastoral, dava assessoria às cooperativas. Seu corpo sem vida foi encontrado junto a um carro queimado, pelo que se supõe que as pessoas que acompanhavam o sacerdote foram seqüestradas.

17 de setembro de 1982

ALÍRIO E CARLOS BUITRAGO, GILDARDO RAMÍREZ, MARCOS MARÍN E FABIÁN BUITRAGO Colômbia

Jovens camponeses, catequistas da paróquia de Cocorná, em Antioquia, assassinados ao entardecer por um grupo paramilitar de quatro homens, que os convidaram a sair de casa e lhes dispararam rajadas de metralhadora. Alírio e Carlos eram irmãos, Fabiano era tio. Organizaram-se para servir a seus irmãos, tão pobres como eles, nas tarefas de alfabetização, de formação religiosa, de recreação e formaram uma cooperativa. Graças a seu trabalho, nas veredas de Cocorná, foi se descobrindo a força da solidariedade e da fé compartilhada.

19 de setembro de 1973

JOAN ALSINA - Chile

Sacerdote de origem espanhola. Chegou ao Chile em 1968, onde foi assessor de vários grupos cristãos. Trabalhou no Hospital San Juan de Dios, viveu como operário num bairro de Santiago e foi, sobretudo, profeta da Palavra. Depois do golpe militar do dia 11 continuou indo ao trabalho, onde foi detido no dia 19 de setembro. No outro dia apareceu seu cadáver debaixo da ponte do rio Mapocho. Na noite de 18 de setembro, pressentindo sua morte, escreveu a mão seu testamento.

20 de setembro de 1978

FRANCISCO LUÍS ESPINOZA E COMPANHEIROS Nicarágua

Sacerdote de Estelí, Nicarágua. Assassinado pela Guarda Nacional quando se dirigia em seu veículo, acompanhado de dois leigos, a Congrega para levar medicamentos aos refugiados na Escola de Agricultura, da qual era diretor. Ao entrar na cidade, o veículo parou porque lhe deram voz de alto na esquina da prefeitura. Da guarnição, distante uns 100 metros, lhe dispararam uma rajada de metralhadora. Os disparos destruíram o veículo e os corpos de seus 3 ocupantes.

21 de setembro de 1981

DORA AZMITIA, "MENCHY" - Guatemala

Professora de 23 anos, recém-casada, grávida de três meses, enamorada da vida porque o era de Deus e de seus irmãos. Seqüestrada na Guatemala diante de toda a sua família quando se dirigia para um falso encontro com seu irmão Mário, seqüestrado na véspera. Além disso, quando seu pai se dirigia ao arcebisado para transmitir informações sobre a ocorrência, foi seqüestrado e está desaparecido. "Meu pai me disse sempre, e também a meus irmãos, que, mesmo se fôssemos absorvidos pelas tarefas para a libertação de nosso povo, devíamos reservar algum tempo

para Deus e alimentar nossa fé", comentava na sua última carta à JEC. Menchy seguiu generosamente o caminho do serviço aos que sofrem: aos pobres, aos camponeses, até chegar a tornar-se responsável pela JEC em seu país.

26 de setembro de 1974

LÁZARO CONDO E CRISTÓBAL PAJUÑA Equador

Camponeses indígenas de Riobamba, Equador. Cristãos e líderes de sua comunidade, nos momentos em que a reforma agrária abria uma porta de esperança, seriam enfim donos das terras por eles cultivadas durante tanto tempo? Os latifundiários, apoiados no exército e na polícia, o impediram. Atacaram seus líderes e a Igreja solidária com suas lutas. Assim, no dia 26 invadiram e saquearam a igreja e a casa paroquial de Toctezinín, prenderam o vigário-geral e o pároco de Chunchi; em seguida, partiram à procura dos camponeses. Anciãos e mulheres foram espancados com varas de ferro e pontapés. Lázaro correu em sua defesa e recebeu três disparos, um deles na cabeça. Moribundo, foi levado num veículo policial para o cárcere, junto com seus companheiros, onde faleceu.

Cristóbal pertencia à comunidade de Rumipata. Moveu processo contra o dono de terras que pretendia roubar as do povo e, ante as ameaças, organizou o pessoal e animou a todos para superarem seus temores, mas pediu que não empregassem violência, quando ele fosse atacado. O dono de terras pagou um capanga que o assassinou a golpes de machete diante de seus filhos.

27 de setembro de 1976

MARÍA ZAFFARONI ISLAS - Argentina

Criancinha de 18 meses de idade, seqüestrada juntamente com seu pai (uruguaio) e sua mãe (argentina) quando um grupo armado invadiu seu domicílio e se encontra desaparecida até hoje juntamente com eles. Como Maria, mais de 400 crianças

argentinas encontram-se desaparecidas por terem sido seqüestradas com seus pais ou por terem nascido no cativeiro. O cardeal de São Paulo, Paulo Evaristo Arns, denunciou um verdadeiro "tráfico" de crianças, filhos de desaparecidos, nos países do Cone Sul. São vítimas inocentes de uma perseguição impiedosa contra seus pais, que na Argentina e no Uruguai se comprometeram na luta pela justiça.

29 de setembro de 1980

APOLINÁRIO SERRANO, "POLÍN", JOSÉ A. LÓPEZ, "CHEPE", FÉLIX SALAS E PATRÍCIA PUERTAS, "TICHA" Equador

Camponeses salvadorenhos. Fundadores dos sindicatos cristãos FEC-CAS e UTC.* Capturados numa reunião de Santa Ana e crivados de balas no quartel de Santo André, perto de San Salvador. "Polín" era também membro ativo das comunidades cristãs desde 1970. Em 1973, como integrante de FECCAS, sua atuação foi decisiva para tirar a organização do economicismo e pacifismo na qual sumiram as cooperativas e os partidos políticos tradicionais. Em 1974 chegou a ser seu secretário-geral. Com José López, Félix e "Ticha", a união dos sindicatos conseguiu constituir a Federação de Trabalhadores do Campo — FTC.

30 de setembro de 1981

HONÓRIO ALEJANDRO NÚÑEZ, "MÁRIO" - Honduras

Camponês de 21 anos. Ministro da Palavra e seminarista. Solidário nas lutas de seus irmãos que não tinham terra, ameaçado de morte por essa causa, foi assassinado com 4 disparos à queima-roupa. Mataram-no exclusivamente por seu compromisso pela justiça como consequência de sua fé em Cristo.

*FECCAS: Federação Cristã de Camponeses Salvadorenhos; UTC: União dos Trabalhadores do Campo.



O mundo maravilhoso das crianças

Maria do Carmo Fontenelle

A coisa mais sensata e caridosa que um adulto pode fazer para uma criança é deixá-la viver suas mágoas tão intensamente quanto possível. Isso aprofunda o seu senso de importância íntima e permite sentimentos positivos, além de adquirir autoconfiança. Além de adquirir confiança nos adultos.

O que é mais importante para uma criança é a aceitação do seu sofrimento pelos adultos, o que possibilita usar seus recursos íntimos e encontrar o seu desafio!

Se dissermos "Seja homem, não chore! Não há razão para chorar! A injeção não vai doer nada, nada!", a criança vai chorar mais meia hora ou mais. Mas, se dissermos "Eu sei que você está assustada e precisa chorar um pouco, mas a dor é pequena e depois passa", vamos ter somente um ou dois minutos de choro. Não é estoicismo o que ocorre, mas, uma vez que os sentimentos foram reconhecidos pelos adultos, a criança sente-se menos sobrecarregada e pode focalizar mais suas energias no problema que está vivendo.

Quando pedimos a uma criança para disfarçar seus sentimentos verdadeiros, fazemos isso para nossa tranquilidade, porque não suportamos ver uma criança infeliz. Não quer dizer que devamos encorajar a criança a sofrer ou expô-la ao sofrimento desnecessário, mas somente

respeitar os sentimentos da dor ou do susto que já estão com ela. E é melhor deixar acontecer, pois assim, quando passar, passou por completo.

A separação de uma pessoa querida, um joelhinho ensanguentado, o desaparecimento de um bichinho de estimação, são experiências dolorosas e muito tristes. Todas as vezes em que dissermos "Sim, eu sei que dói", nós ajudamos a criança a externar o que tem dentro do coração que poderia atormentá-la mais tarde, se fosse reprimido."

Quando a criança começa a chorar no primeiro dia do Jardim de Infância, pela separação da mãe, a professora em geral diz: "Não chore! Não há razão para chorar! Não seja bobinha!" É uma atitude comum e confortadora para os adultos negar à criança o direito de expressar sua mágoa, justa e razoável.

Quando a criança se machuca, o problema é o mesmo. Ela esfola o joelho e grta apavorada à vista do sangue escorrendo pela perninha. "Não há nada para chorar!" Ela tem uma boa razão para chorar, porque dói e porque está assustada vendo o sangue escorrendo... É preciso dizer a ela: "Eu compreendo o seu sofrimento!"

A HISTÓRIA DA SILVINHA:
— A Silvinha, de 4 anos, era minha vizinha na chácara. Estava sempre comigo, ajudando no jardim e na

horta com as flores e os legumes que levava um pouco para sua mãe. Eu era louca por ela e parecia ter sentimento mútuo, embora nunca falássemos sobre isso.

Na manhã em que fui à casa dela me despedir, de volta a São Paulo, por algumas semanas, ela rompeu em lágrimas, logo que ouviu a notícia da minha partida. Em vez de consolá-la, eu disse: "Eu compreendo que você esteja triste. Nós vamos sentir saudades uma da outra". Conversei com ela por alguns minutos sobre como era difícil dizer adeus. Nós nos sentíamos tristes, a tristeza da separação era real, estava ali conosco, que reconhecêssemos abertamente ou não. É perfeitamente natural sentir tristeza quando alguém de quem você gosta vai embora.

No dia da minha volta, Silvinha veio correndo ao meu encontro, na maior alegria. Nós conversamos muito sobre o seu cachorrinho, as plantas, as roseiras lindas depois das chuvas, enquanto tomávamos leite gelado com biscoitos. Ela me disse que sua mãe precisava de algumas hortaliças, e fomos juntas até a horta colher legumes e flores. Eu disse: "Foxa, Silvinha, como me sinto feliz e alegre de estar com você outra vez!" Ela virou-se para mim com olhos sérios de gente grande e disse: "Eu sei o que você está sentindo..."

RECEITAS SABOROSAS, DIFERENTES E FÁCEIS

Espuma ou creme de frutas

É uma idéia que pode ser multiplicada e variada de mil maneiras. Pode usar qualquer fruta fresca que obtiver. Descasque, pique e passe no liquidificador ou peneira. Se a fruta for dura, como pêssegos verdes, por exemplo, precisa ser cozida primeiro. Adoce ao paladar. A banana precisa de 1 colherinha de limão para não escurecer. Os legumes, temperados com sal, dão excelentes purês, coloridos e apetitosos.

Use quantas claras tiver, bata em neve bem firmes. Junte açúcar aos poucos. Leve a gelar, misture com o creme de frutas também geladinho e sirva geladinho em bonitas taças.

Maionese sem ovo

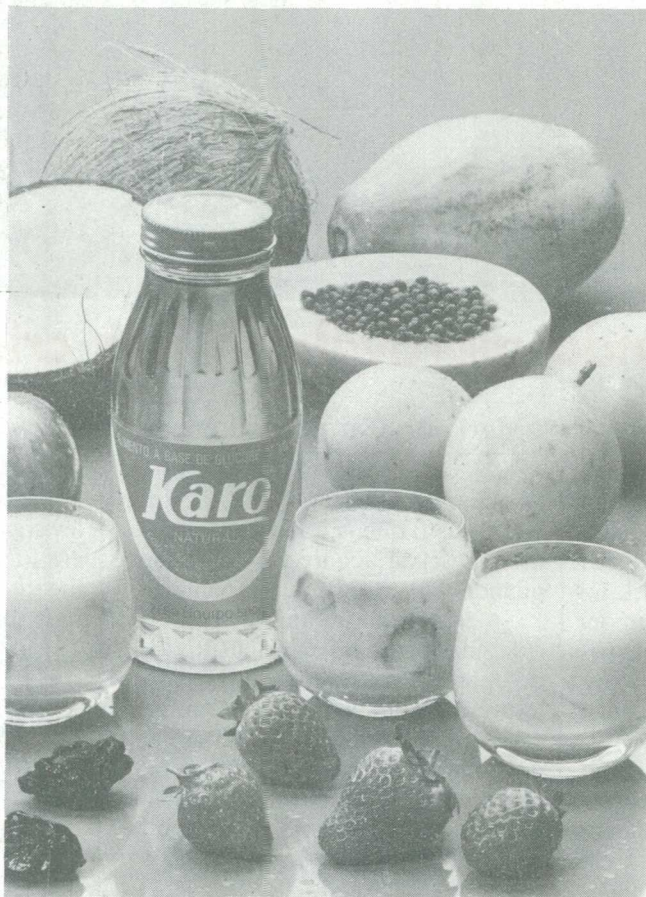
1 batata média, cozida
1 cenoura cozida
1 xícara de leite
1 colher de vinagre
2 colherinhas de mostarda
1/2 colherinha de açúcar
1 colherinha de sal
1 colherinha de molho inglês (ou molho de sopa)
1 xícara (mais ou menos) de óleo.

Bata no liquidificador, juntando primeiro os legumes cozidos e o leite. Depois de bem cremoso, acrescente todos os ingredientes, deixando o óleo para o fim, juntando-o aos poucos. Prove e ajuste o sal. Sirva gelada.

Bife à portuguesa

4 bifés de coxão mole bem temperado com alho esmagado com sal
1 colherinha de vinagre
4 ovos cozidos (ou fritos)

logurte de morango



1 litro de leite tipo "B"
1 potinho de iogurte natural
1 pacotinho de gelatina branca, em pó, sem sabor
1 1/2 xícara de karo.

Ferva o leite e deixe amornar. Acrescente o iogurte, cubra com um guardanapo e um plástico, bem abafado. Deixe em lugar seco por uma noite. A noite a gelatina em 2 colhe-

4 fatias de pão torrado
4 fatias de queijo muzzarela
4 fatias de presunto
8 ou 9 batatas médias
Molho de tomate
Azeitonas pretas ou verdes.

res de sopa de água fria, dissolva em banho-maria e deixe esfriar. Bata no liquidificador os morangos com o karo, junte aos poucos a gelatina e o iogurte. Coloque em potinhos e leve à geladeira por 4 horas, no mínimo. Sirva geladinho. Dá 8 porções.

NOTA: Faça o mesmo com ameixas, abacaxi, maçã, pêra, etc.

Frite os bifés, depois de ficarem algumas horas no tempero. Faça um bom molho de tomates, misture as batatas cozidas e picadas em pedaços grandes. Arrume numa travessa refratá-

ria assim: uma fatia de pão torrado, uma fatia de queijo, uma fatia de presunto, um bife e o ovo frito (ou cozido partido em 4 pedaços). Despeje o molho com batatas entre os pedaços dos bifés. Enfeite com azeitonas. Leve ao forno quente até derreter o queijo.

NOTA: Uma excelente refeição, quando seguida de frutas e precedida de salada crua. Tem ainda a vantagem de poder ser feita com antecedência, ficando arrumada na travessa para ir ao forno 1/2 hora antes de servir.

Maionese de cenoura ralada

1 xícara de maionese Hellmann's
1/2 xícara de cenoura ralada
1/2 xícara de cebolinha verde picada
1 colherinha de vinagre
1 pitada de açúcar.

Misture a maionese com os demais ingredientes, juntando 2 colherinhas de água. Leve à geladeira. Sirva sobre saladas verdes.

logurte + Karo + Vitaminas

O iogurte sozinho tem fama de ser, além de excelente alimento, remédio milagroso, por suas propriedades nutritivas, digestivas e dietéticas.

A novidade agora é a combinação de iogurte, karo e frutas, resultando num tipo de alimento insuperável. Tem ainda características anti-sépticas, pois promove a limpeza intestinal, combatendo as bactérias nocivas.

Sobre Nossa Senhora de Guadalupe

Torquato Luca De Tena (da Real Academia Espanhola) Tradução de João de Castro Engler, CMF.

Inexplicável a conservação em perfeito estado e vida da imagem (tela ou quadro) de Nossa S de Guadalupe.

As assombrosas descobertas científicas feitas recentemente, e que continuam, a respeito da imagem mexicana de Nossa Senhora de Guadalupe, vêm causando grande admiração a todos que a conhecem.

Para entender a importância desses fatos é preciso antes recordar o que uma lenda antiga e piedosa declarava a respeito da confecção milagrosa dessa imagem, não pintada por mãos humanas — segundo a tradição — mas impressa milagrosamente na *tilma* (manto ou capa) de um índio, João Diogo, em 1531. A relação deste acontecimento encontra-se escrita em náuatle (língua dos astecas) com letras latinas e foi editada em seu idioma original e em espanhol em 1649, aproximadamente um século após, por iniciativa do bacharel Luís Lasso de la Vega. Conta esta história que João Diogo importunou repetidas vezes o primeiro bispo do México, o franciscano Frei João de Zumárraga, para comunicar-lhe o desejo que lhe tinha expressado a Mãe de Deus, em diversas aparições, da edificação duma ermida no lugar chamado Cerro do Tepeyac. Para livrar-se do visionário, o bom bispo lhe pediu que lhe trouxesse uma prova convincente de que dizia a verdade. Em caso contrário, que não o incomodasse mais. João Diogo voltou dias mais tarde, trazendo como prova umas rosas chamadas “Rosas de Castela”, impossível de florescerem naquele tempo (mês de dezembro) e dizendo que lhe tinham sido entregues pela própria Virgem para que as levasse ao bispo. Ele as trazia escondidas em sua capa, a *tilma*, e ao desdobrá-la e caírem as flores ao chão, apareceu a imagem da SS. Virgem a todos os presentes, oito ou dez pessoas. E essa visão celestial ficou gravada sobre o rude tecido da veste que tinha contido as rosas. Espantado e maravilhado, o bispo erigiu a ermida no cerro do Tepeyac, onde a túnica de João Diogo, milagrosamente estampada, ficou exposta à veneração. Assim o relato, escrito

muito abreviadamente, em língua náuatle em tempos em que ainda vivia Hernán Cortés.

A explosão devota, que desde os primeiros tempos da pacificação do México se produziu, foi tão intensa e tão notáveis as peregrinações espontâneas dos índios que acorriam de todas as partes para prestar culto à imagem, que delas se ocupou o mesmo Bernal Diaz do Castello, em sua grande crônica da conquista da Nova Espanha.

E chegamos a nossos dias — ou melhor, século — quando se organiza uma comissão de estudos para investigar não poucos fenômenos inexplicáveis da famosa *tilma* de João Diogo.

Em primeiro lugar, chama a atenção de tecelões experimentados o fato singular da conservação do rude tecido. Atualmente está protegido por vidros. Mas durante séculos esteve exposto à mercê do tempo, sem resguardo, aos rigores do calor, do pó e da umidade, sem se desfazer nem se deteriorar sua singular policromia.

O material da capa, sobre a qual ficou gravada a imagem, é um tecido feito com fibra de aiate da espécie mexicana “agave potule zacc”, que se decompõe por apodrecimento dentro de vinte anos aproximadamente, como se tem constatado com várias reproduções feitas adrede. Ao passo que a capa do contemporâneo de Cortés leva quatrocentos e cinquenta anos sem se desfazer nem decompor-se; e, por causas desconhecidas desses especialistas, é refratária à umidade e ao pó.

Atribuiu-se essa resistência à qualidade da pintura que cobre o tecido, que poderia muito bem atuar como matéria protetora. Enviou-se uma amostra para ser analisada pelo sábio alemão e prêmio Nobel de Química, Richard Kuhm. Sua resposta desfez as dúvidas dos consultantes admirados: os colorantes da imagem guadalupana, respondeu o cientista alemão, não pertencem ao reino ve-

getal, nem ao mineral, nem ao animal.

Pensou-se se a tela não teria sido tratada por algum processo especial. As grandes pinturas da antiguidade puderam chegar até nós, por estarem os lençóis (ou os substratos desses “afrescos”) previamente preparados, cobertos por alguma cola ou estuques especiais. De que rara consistência seria essa preparação para que a pintura pudesse aderir e conservar-se incólume numa matéria, como é o aiate, tão frágil e perecedor? Mas recorreu-se a dois estudiosos norte-americanos, o Dr. Callagan, da equipe científica da NASA, e ao professor Jody B. Smith, catedrático de Filosofia da Ciência, no Pensacolla College. Submeteram a imagem de Guadalupe à análise fotográfica com raios infravermelhos. E suas conclusões foram as seguintes:

Primeira: O aiate — tecido ralo de fio de pita — não apresenta nenhuma preparação. Isso torna inexplicável aos conhecimentos humanos que os materiais colorantes impregnem uma fibra tão inadequada e nela se conservem.

Segunda: Não há esboços prévios, como os que se descobrem, pelo mesmo processo nos quadros de Velásquez, Rubens, O Greco e Tiziano. A imagem foi pintada diretamente, tal qual aparece, sem ensaios nem refinações.

Terceira: Não há pinceladas. A técnica empregada é desconhecida na história da pintura. É inusitada, incompreensível, irrepelível.

Paralelamente a isto, um famoso oculista de nome hispânico-francês, Torija Lauvoignet, examinou com um oftalmoscópio de alta potência a pupila da imagem e observou maravilhado que no íris se via refletida uma minúscula figura que parecia o busto de um homem. Este foi o antecedente imediato para promover a investigação que vamos explicar: a “digitalização” dos olhos de N. Senhora de Guadalupe.

É sabido que na córnea do olho humano se reflete o que se está vendo naquele instante. O Dr. Aste Tonsmann fez fotografar (sem ele estar presente) os olhos de uma filha e, uti-

lizando o processo chamado "processo de digitalizar imagens", pôde constatar tudo quanto sua filha estava vendo no momento de ser fotografada. Este cientista, cuja profissão atual é a de captar as imagens da terra transmitidas desde o espaço pelos satélites artificiais, "digitalizou" no ano passado a imagem guadalupana, e os resultados começam agora a ser conhecidos. O processo consiste em dividir a imagem em quadrículos microscópicos até o ponto de que numa superfície de um milímetro quadrado cabem 27.778 quadradinhos ínfimos, mínimos. Cada quadrinho pode em seguida ampliar-se duas mil vezes, permitindo a observação de detalhes impossíveis de ser capturados à simples vista. E os detalhes que se viram no íris da imagem de Guadalupe são: um índio no ato de abrir sua *tilma* diante de um franciscano, o mesmo franciscano em cujo rosto se vê deslizar uma lágrima, um jovem com a mão na barba em atitude de consternação, um índio de torso nu como em oração, uma mulher de cabelo encrespado, provavelmente uma preta a serviço do bispo, um homem, uma mulher e umas crianças com a cabeça meio raspada e alguns religiosos de hábito franciscano, isto é, o mesmo episódio referido no relato em náuatle de um escritor indígena, anônimo, da primeira metade do século XVI e editado em náuatle e espanhol por Lasso de la Vega em 1649, de que falamos acima.

Atualmente estão se realizando estudos iconográficos para comparar essas figuras com os dados conheci-

dos do arcebispo Zumárraga e das pessoas daquele tempo. O que é radicalmente impossível é que num espaço tão pequeno, como a córnea de um olho, de uma imagem de tamanho aproximadamente natural, algum miniaturista tenha podido pintar imagens que precisaram ser aumentadas 2.000 vezes para poderem ser percebidas.

O advogado e professor Luís Fernández Hernández, antigo colaborador na Espanha da Editorial Católica, me pediu que prolongasse seu livro escrito por ocasião do 450º aniversário dos acontecimentos misteriosos do cerro de Tepeyac, que tiveram como protagonistas o índio recém-cristianizado João Diogo e o bispo espanhol Frei João de Zumárraga. Desse livro de próxima edição tomei os dados que antecedem.

"Inexplicável", disseram os membros da Comissão de estudos ao receber o veredito do cientista alemão Richard Kuhm de que a policromia da imagem de Guadalupe não procedia de colorantes minerais, vegetais ou animais. "Inexplicável", declararam por escrito os norte-americanos Smith e Callagan ao constatar, pelos raios ultravioleta, que a pintura não tinha sinais de pinceladas e que o pobre aiate da *tilma* de João Diogo não apresentava sinais de preparação alguma. E o Dr. Aste Tonsmann, referindo em numerosas conferências e constatação de figuras humanas de tamanho infinitesimal no íris da Virgem de Guadalupe, não se cansa de repetir: "Inexplicável. Totalmente inexplicável!"

A Stylus lhe oferece:



Cr\$ 110.000,00 MENSAL

- AMBOS OS SEXOS
- TRABALHO FÁCIL E LUCRATIVO
- PODERÁ SER FEITO NAS SUAS HORAS VAGAS
- BASTA SABER LER E ESCREVER
- NÃO COBRAMOS TAXA DE INSCRIÇÃO E VOCÊ RECEBERÁ O SEU MATERIAL TOTALMENTE GRÁTIS

MANDE SEU NOME E ENDEREÇO COMPLETO PARA:

STYLUS LTDA
CAIXA POSTAL nº 3330 -
DEPTO AM-1
CEP: 01051 - SÃO PAULO - SP

Grátis

**1 Camiseta +
1 chaveiro micro-bíblia,**
basta você nos enviar nome e endereço de uma pessoa interessada em trabalhar conosco. (envie-nos o nº de sua camiseta e data de seu nascimento).

Essa oportunidade é válida para todo o Brasil.

ABASTEÇA SUA LOJA SEM SAIR DE SUA CIDADE PELO CORREIO!

- 1) A seu pedido, nós lhe enviamos um catálogo com cerca de 400 produtos e seus respectivos preços, das mais afamadas marcas.
- 2) Junto com o catálogo vai um impresso de pedido, que você preenche e nos envia pelo correio, em envelope nosso que não precisa ser selado.
- 3) As mercadorias são embarcadas imediatamente, também pelo correio, e você recebe um aviso da agência postal de sua cidade, comunicando-lhe estarem às vossas disposições. Ai, é só você ir lá e retirá-los, mediante pagamento no ato.
- 4) Não há nenhum acréscimo de fretes ou despesas postais, já que tudo corre por nossa conta.

**DESPACHAMOS PARA QUALQUER CIDADE DO BRASIL!
BÊGE COMERCIAL LTDA.**

R. Silva Teles, 540 - Brás
São Paulo - Fone: (011) 291-5199

Peço que me enviem tabela de preços

Firma
End
Cidade
Estado
CEP

Meias
Lenços
Camisetas
Cuecas
Soutiens
Calcinhas
Biquínis
Tangas
Meias-calças

Marcas famosas:
Hering — Apolo
De Millus — Del Rio
Triumph — Hope
Aço — Presidente
400 — Tri-Fil
Alcatex — Cremer
Teka — Buettner
Pool — Meilyn
Artex. etc...

A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

(VITOR PEDRO CALIXTO DOS SANTOS, CMF)

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 7/10/84

IGREJA — VINHA DO SENHOR



1ª LEITURA: *Is 5,1-7*. Esta perícopa nos traz este belo poema da vinha, composto por Isaías no início de sua missão profética, por volta de 736 a.C., quando o profeta se preocupa sobretudo com a regeneração moral do Reino de Judá (Is 1-5). O tema da vinha é muito caro aos profetas e pode ser igualado ao tema de Israel, esposa de Javé. Ele aparece primeiramente em Oséias (10,1), em Jeremias (2,21; 5,10) e em outros profetas e mesmo em Jesus Cristo (evangelho

de hoje). O texto deste domingo narra o amor de Deus por seu povo eleito, todos os cuidados que tem para que ele possa crescer e se desenvolver. No entanto, os resultados são funestos, a vinha não produz senão uvas azedas (v. 2,4). Deus se propõe abandonar a sua vinha, como veremos também no evangelho de hoje (Mt 21,33-43), e deixá-la ao bel-prazer dos invasores; não mais cuidará dela, pois dela não se pode esperar o direito e a justiça, mas somente a transgressão e o pecado.

2ª LEITURA: *Fl 4,6-9*. No trecho da carta aos filipenses que hoje lemos, vemos que Paulo está dando os últimos conselhos à comunidade de Filipos, tão querida do apóstolo. No entanto, em meio às despedidas Paulo deixa um programa de vida, através do qual a comunidade poderá manifestar Cristo ao mundo: a alegria cristã (v.4) e a preocupação com a verdade, a nobreza, a justiça, a pureza, a amabilidade, enfim, as virtudes que estavam também presentes nos programas de conduta dos gregos, mas que aqui tomam uma conotação cristã — tudo isso é feito para que o Deus da paz esteja em meio à comunidade.

EVANGELHO: *Mt 21,33-43*. Esta parábola traz todas as características de uma alegoria, pois cada um dos seus elementos tem uma significação: Deus é o proprietário, a vinha é Israel, os servos são os profetas, os administradores são os judeus infiéis, os outros vinhateiros são os pagãos, os pecadores, e o filho é Jesus. Esta parábola está presente nos outros evangelhos sinóticos e, como a maioria das parábolas de Jesus, ela tem um sentido polêmico — primeiramente quer ser uma condenação aos que pela violência queriam vencer os pequenos e pobres, julgando-se os mais fiéis administradores (doutores da Lei, escribas, fariseus, zelotas), mostrando que o Reino de Deus não virá pela violência (v. 41). Com uma ligação a Is 5,1ss (1ª Leitura), a parábola traz um sentido novo — quer mostrar a não aceitação de Jesus pelos judeus e uma explicação para sua morte na cruz (a pedra rejeitada que se torna a pedra principal da construção) (v. 42).

COMENTÁRIO: Hoje estamos iniciando o Mês Missionário e também na devoção popular o mês do Rosário. Como Igreja missionária, recebemos uma missão especial — ser a vinha do Senhor. Nossa tarefa aparece clara nas leituras de hoje: podemos produzir agradãos, nem sermos videiras estéreis que, movidas pela auto-suficiência, não produzem o fruto no tempo devido. Cabe a nós a condenação de Jesus quando não praticamos o direito, a justiça; e, pensando ser os salvos e escolhidos de Deus, não aceitamos os servos do Senhor, nem seu Filho quando nos exige na administração da vinha — quantos de nós não querem praticar o programa de vida cristã deixada por Paulo (2ª Leitura) e buscam satisfazer-se a si mesmos, espancando os servos e mandando o Filho que pede de nós uma mudança de vida e de mentalidade: praticar a justiça e o direito como nos disse Isaías.

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 14/10/84

TRAZER A VESTE DA FÉ E DA JUSTIÇA



1ª LEITURA: *Is 25,6-10a*. Este texto pertence ao conjunto de Is 24-27 que é chamado o Apocalipse de Isaías e que — pelas suas características de gênero literário, doutrina — é posterior ao exílio e foi composto pelo século V a.C. Ele apresenta um juízo final de Deus através de poesias e salmos de louvor e de súplica. A perícopa de hoje traz o banquete escatológico e messiânico e mostra a realeza de Javé, a refeição da Aliança. Estes banquetes eram comuns quando

da vitória dos reis e eram oferecidos a todos os amigos do rei. Deus se manifesta aqui com a figura do rei que está para chegar no futuro, o seu banquete é oferecido a todos os povos (v. 6,7) — é a teoria do universalismo apresentado por vários profetas (Is 2,2-3; Zac 8,20). Por fim, Javé é aclamado como o Rei ideal, o rei esperado (o Messias) (v. 9).

2ª LEITURA: *Fl 4,12-14.19-20*. Esta leitura continua a mesma linha de pensamento do domingo passado — ela faz parte do discurso de adeus de Paulo aos filipenses. O apóstolo diz do seu desapego e desinteresse pelas coisas do mundo — sabe viver na carestia e na abundância, pois Cristo é que o fortalece (v. 13), mas agradece a preocupação da comunidade de Filipos em ajudá-lo na prisão — retribui, desejando que Deus providencie em todas as necessidades da comunidade (v. 19) e termina com uma doxologia — “glória a Deus Pai pelos séculos. Amém”.

EVANGELHO: *Mt 22,1-14*. A parábola que foi lida traz também aspectos alegóricos como a parábola dos vinhateiros homicidas do domingo passado. Mateus continua a polêmica contra o judaísmo oficial que rejeitou a Jesus Cristo e mesmo os apóstolos; numa palavra, rejeitaram o Evangelho. Apresenta o tema na 1ª Leitura — o banquete escatológico e messiânico. Os convidados não foram dignos, chegaram mesmo a matar os servos que os convidaram para a festa. Os convidados são outros: os pagãos e os pecadores. No entanto, mesmo estes não ficam isentos de trazer a veste nupcial — Mateus quer dizer que mesmo os gentios devem ter uma conduta moral de justiça, obras que testemunhem sua fé e sua adesão a Jesus Cristo.

COMENTÁRIO: Em nossos dias, quando uma grande parte da humanidade passa fome e a maioria não tem o necessário para sua subsistência, estas leituras poderiam nos levar a uma alienação e à manutenção da situação vigente, se não atentarmos para o seu sentido mais profundo. Somos tentados a ver a palavra de Deus com os olhos do mundo e daqueles que pelo seu *status* possuem uma falsa amizade com Deus e julgam-se perto de Deus, quando estão longe. Com esta visão que é falsa podemos dizer aos pobres que o verdadeiro banquete está para chegar no final dos tempos, que é preciso sofrer para depois participar das alegrias eternas, a ser desapegados das coisas como Paulo que se fortalecia do Cristo. Jesus, no entanto, não está dizendo isto: com esta parábola ele está dizendo que é uma ilusão, é uma falsidade a amizade com Deus que tinham as autoridades de seu tempo e do nosso tempo; tanto é que eles não têm a disponibilidade, o humor para participar da alegre festa que Deus oferece. Por isso é que o rei convida os marginalizados do tempo de Jesus e de hoje — os pobres, os coxos, e hoje os pobres, os menores abandonados, os desempregados. Fica para todos uma última exigência: a prática da fé e da justiça — a veste nupcial. Você poderia participar?

Dia das Missões e da Juventude Missionária

DAR A DEUS O QUE É DE DEUS



1ª LEITURA: *Is 45,1-4-6*. Este texto pertence ao segundo-Isaias (Cap. 40-55), que foi escrito por volta de 550 a.C., durante o exílio na Babilônia. Ele apresenta o rito de entronização do rei como podemos encontrar também nos salmos 2,110 e outros. Ao vencer a Babilônia em 539, o povo do exílio e por isso é visto por Isaias como a imagem do “Ungido de Javé” — título que era dado ao rei e que mais tarde se torna o nome do Messias esperado. Mostra de um

modo claro o tema do monoteísmo: só existe um Deus que é Javé e fora dele não existe nenhum outro deus (v. 5), nem mesmo o rei, pois ele é só o escolhido de Javé.

2ª LEITURA: *1Ts 1,1-5b*. Este texto pertence à primeira carta escrita por Paulo por volta do ano 51, quando em Corinto recebe de Timóteo notícias da comunidade de Tessalônica. O apóstolo manifesta a sua alegria pelo progresso da comunidade e louva a Deus por estar realizando nela as obras de seu poder. No v. 3 Paulo coloca já as três virtudes teológicas — são disposições para viver o Evangelho em Cristo. Toda esta obra de vida cristã não depende do próprio esforço de cada um, mas sim, da ação de Deus e da eficácia de seu Espírito na pregação do Evangelho (v. 5a).

EVANGELHO: *Mt 22,15-21*. Esta perícopa é continuação do evangelho do domingo passado e o tema é a polêmica de Jesus com as autoridades do seu tempo, a qual vai terminar na condenação e na morte de Cristo na cruz. Desta feita, os herodianos pretendem colher de Jesus uma palavra contra César — imperador romano e que também reinava sobre a Palestina pelos seus procuradores. É mais uma tentativa, já que em outras não tiveram tanta sorte. Jesus diz que, se eles aceitam a autoridade de César, cuja imagem aparece na moeda do tributo, se lhe devem algo ou dele recebem, como políticos, certos privilégios, então que lhe dêem o que lhe é devido. Deus está acima dessa realidade que se corrompe, não se reduz a questões que tornam mais evidente o Reino dos homens e não o Reino de Deus, ainda que este se torne real já em nosso contexto de injustiça e politicagem.

COMENTÁRIO: Neste dia das Missões, a liturgia da Palavra nos coloca dentro de uma exigência de vida cristã: dar a Deus o que é de Deus. Esta frase do Cristo já resume toda a problemática, a polêmica e as discussões que possam nascer deste texto evangélico, já que podemos atenuar o seu sentido a nosso favor. Cristo quer, com esta resposta aos herodianos, tornar presente a idéia mestra da 1ª leitura — só existe um Deus, fora dele ninguém pode se colocar como Deus, nem mesmo Cristo, o “ungido de Javé”, nem César, o imperador romano, nem ninguém que tenha poder e autoridade nos dias de hoje. Não está condenando o fato de se pagar os impostos necessários para a manutenção de todos os cidadãos, mas condena os impostos que são pagos para manter uma imagem falsa de Deus, que é apresentada muitas vezes pelos poderosos que não querem compartilhar com os outros o que possuem — eles é que sabem das coisas. Dar a Deus o que é de Deus exige de nós um compromisso mais sério do que pensamos.

Será que já havíamos pensado nisto?

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 1 de outubro — 2ª-Feira: 1ª Leitura *Jó 1,6-22*, Evangelho *Lc 9,46-50* ou prs. *Is 60,10-14c*, *Mc 18,1-4*; **Dia 2** — 3ª-F.: 1ª L. *Jó 3,1-3.11-17.20-23*, Ev. *Lc 9,51-56*; **Dia 3** — 4ª-F.: 1ª L. *Jó 9,1-12.14-16*, Ev. *Lc 9,57-62*; **Dia 4** — 5ª-F.: 1ª L. *Jó 19,21-27*, Ev. *Lc 10,1-12* ou prs. *Gl 6,14-18*, *Mt 11,25-30*; **Dia 5** — 6ª-F.: 1ª L. *Jó 38,1.12-21.39,33-35**, Ev. *Lc 10,13-16*; **Dia 6** — Sáb.: 1ª L. *Jó 42,1-3.5-6.12-16**, Ev. *Lc 10,17-24*; **DOM.**; **Dia 8** — 2ª-F.: 1ª L. *Gl 1,6-12*, Ev. *Lc 10,25-37*; **Dia 9** — 3ª-F.: 1ª L. *Gl 1,13-24*, Ev. *Lc 10,38-42*; **Dia 10** — 4ª-F.: 1ª L. *Gl 2,1-2.7-14*, Ev. *Lc 11,1-4*; **Dia 11** — 5ª-F.: 1ª L. *Gl 3,1-5*, Ev. *Lc 11,5-13*; **Dia 12** — 6ª-F.: 1ª L. *Est 5,1b-2; 7,2b-3*, *Ap 12,1.5.13a.15-16a*, Ev. *Jo 2,1-11*; **Dia 13** — Sáb.: 1ª L. *Gl 3,22-29*, Ev. *Lc 11,27-28*; **DOM.**; **Dia 15** — 2ª-F.: 1ª L. *Gl 4,22-24.26-27.31*, Ev. *Lc 11,29-32* ou prs. *Rm 8,22-27*, *Jo 15,1-8*; **Dia 16** — 3ª-F.: 1ª L. *Gl 4,31b-c5,6*, Ev. *Lc 11,37-41*; **Dia 17** — 4ª-F.: 1ª L. *Gl 5,18-25*, Ev. *Lc 11,42-46* ou prs. *Fl 3,14-c4,1*, *Jo 12,24-26*; **Dia 18** — 5ª-F.: 1ª L. *2Tm 4,9-17a*, Ev. *Lc 10,1-9*; **Dia 19** — 6ª-F.: 1ª L. *Ef 1,11-14*, Ev. *Lc 12,17*; **Dia 20** — Sáb.: 1ª L. *Ef 1,15-23*, Ev. *Lc 12,8-12*; **DOM.**; **Dia 22** — 2ª-F.: 1ª L. *Ef 2,1-10*, Ev. *Lc 12,13-21*; **Dia 23** — 3ª-F.: 1ª L. *Ef 2,12-22*, Ev. *Lc 12,35-38*; **Dia 24** — 4ª-F.: 1ª L. *Ef 3,2-12*, Ev. *Lc 12,39-48*; **Dia 25** — 5ª-F.: 1ª L. *Ef 3,14-21*, Ev. *Lc 12,49-53*; **Dia 26** — 6ª-F.: 1ª L. *Ef 4,1-6*, Ev. *Lc 12,54-59*; **Dia 27** — Sáb.: 1ª L. *Ef 4,7-16*, Ev. *Lc 13,1-9*; **DOM.**; **Dia 29** — 2ª-F.: 1ª L. *Ef 4,32-5,8*, Ev. *Lc 13,10-17*; **Dia 30** — 3ª-F.: 1ª L. *Ef 5,21-33*, Ev. *Lc 13,18-21*; **Dia 31** — 4ª-F.: 1ª L. *Ef 6,1-9*, Ev. *Lc 13,22-30*.

AMOR A DEUS E AO PRÓXIMO



1ª LEITURA: *Ex 22,21-27*. Este texto pertence ao contexto mais amplo do Código da Aliança (*Ex 20-24*). No entanto, estas prescrições que se referem mais aos aspectos da justiça social parecem ter sido acrescentadas após a fase deuteronomista. A perícopa em questão apresenta a preocupação pela justiça social que marcará a pregação profética. Mostra bem claro os três principais marginalizados de Israel — o órfão, que não tem pai, nem mãe; a viúva — totalmente

desprezada por não ter marido e ser mulher numa sociedade machista, e o pobre marcado pela indigência (v. 21.23.24). Deus tem uma preferência por estes e castiga aquele que não respeita os seus direitos mais profundos.

2ª LEITURA: *1Ts 1,5e-10*. Esta perícopa é continuação do prólogo desta carta, cuja leitura foi iniciada no domingo passado. Paulo se admira do modo como foi recebido pela comunidade de Tessalônica e fala da missão desta comunidade — imitá-lo e ser testemunha de Cristo aos outros. A prática da vida cristã por eles abraçada é modelo para os outros povos (v. 7-8) e é também uma difusão do Evangelho de Cristo. O apóstolo se coloca como exemplo para esta tarefa a ser realizada pelos tessalonicenses.

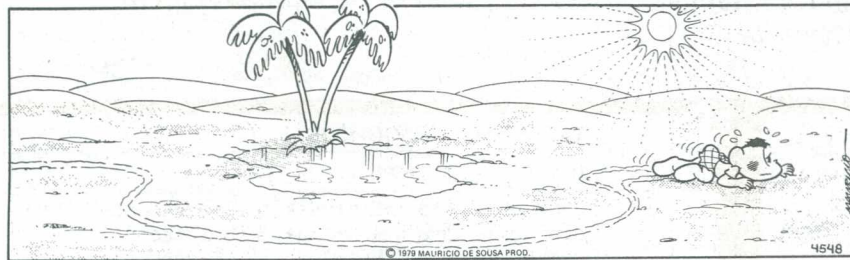
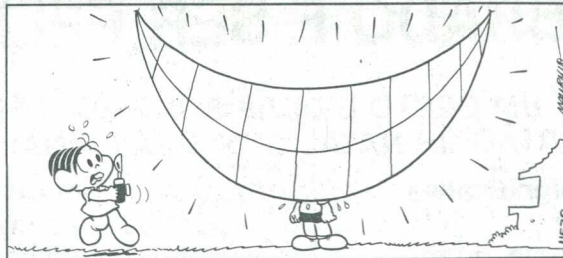
EVANGELHO: *Mt 22,34-40*. Mais uma vez Jesus é interrogado pelos fariseus com o intuito de ser pego em contradição, blasfêmia, etc., e poder assim ser condenado. Depois de ter escapado de todas as polêmicas — imposto (22.15-22), da ressurreição dos mortos (22.23-33), ele responde agora à pergunta do “doutor da Lei” sobre o maior mandamento. Jesus responde à pergunta com dois mandamentos: amor a Deus e amor ao próximo — sendo que ambos são semelhantes; e ele continua dizendo: deles dependem toda a Lei e os profetas. Assim termina de vez a discussão com os fariseus, saduceus e demais opositores — eles julgam-se doutores na Lei e na prática do judaísmo, mas nada são, se não tiverem o amor a Deus e ao próximo.

COMENTÁRIO: Hoje, mais que nunca, podemos dizer da atualidade deste evangelho e sua analogia na 1ª leitura. Encontramos, não raro, muitos cristãos que se intitulam outros “doutores da Lei” e preocupam-se com o “maior mandamento”, não porque o queiram praticar, mas para contestar alguém ou uma prática pastoral que se manifeste contrária às suas idéias de “entendido” na lei do Senhor. Para todos os que pensam assim, Jesus tem uma só resposta: tudo está centralizado no “amor a Deus e ao próximo”, buscando sempre o que estes dois mandamentos complementares e não excludentes têm de mais profundo.

Isto quer dizer que não podemos de modo algum nos prender a casuísmos intermináveis que impedem uma verdadeira prática do Evangelho. Se a Igreja busca hoje direcionar a sua pastoral a partir do “órfão, da viúva e do pobre” presentes nos marginalizados de nosso tempo — os menores, abandonados, os pobres, os desempregados, os famintos, os negros, os índios —, ela não está senão colocando-se ao lado dos preferidos de Deus (1ª Leitura) e manifestando ao mundo como se ama verdadeiramente a Deus e ao próximo. Os fariseus não gostaram da resposta de Jesus; há os que hoje não aceitam a proposta evangélica que aparece clara nas palavras do Cristo: amar a Deus e ao próximo.

3 MINUTOS DE HUMOR

CEBOLINHA (MAURÍCIO)



O último cerco durou três anos.



Volte pra trás! Ainda estão lhe fazendo a respiração artificial!

O PATO (CIÇA)



VEJA OS MODELOS NAS 2.^a, 3.^a E 4.^a CAPAS

“QUEM TEM UM AMIGO TEM UM TESOURO” QUEM É AMIGO DE VERDADE MERECE SER LEMBRADO E SER FELICITADO

UM GESTO E DUAS BOAS AÇÕES!
UM CARTÃO DE NATAL COM DUAS FINALIDADES:

Uma — Mandar uma significativa mensagem de fé cristã a um amigo, a um parente, a um familiar, a um cliente, a uma pessoa importante, como lembrança de amizade e consideração.

Outra — Ajudar concretamente na manutenção e na formação das vocações claretianas.

Adquirindo os cartões de natal do Secretariado Vocacional Claretiano você terá em mãos cartões de alta

qualidade, em excelente papel de luxo, coloridos, para enviar votos de Feliz Natal. Além disso, você estará ajudando diretamente nos estudos, na formação, na manutenção dos 136 jovens que estão atualmente nos 5 seminários claretianos, preparando-se para o sacerdócio. Não espere o fim do ano. Aproveite enquanto é tempo! Faça hoje mesmo o seu pedido. Um gesto e duas boas ações!



MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS	MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS
		Nº 22 400,00 cada cartões
Nº 02 400,00 cada cartões	Nº 23 400,00 cada cartões
Nº 03 400,00 cada cartões	Nº 24 400,00 cada cartões
Nº 04 400,00 cada cartões	Nº 25 400,00 cada cartões
Nº 05 400,00 cada cartões	Nº 26 400,00 cada cartões
Nº 06 400,00 cada cartões	Nº 27 400,00 cada cartões
Nº 07 400,00 cada cartões	Nº 28 400,00 cada cartões
Nº 08 400,00 cada cartões	Nº 29 400,00 cada cartões
Nº 09 400,00 cada cartões	Nº 30 400,00 cada cartões
Nº 10 400,00 cada cartões	Nº 31 400,00 cada cartões
Nº 11 400,00 cada cartões	Nº 32 400,00 cada cartões
Nº 12 400,00 cada cartões	Nº 33 400,00 cada cartões
Nº 13 400,00 cada cartões	Nº 34 400,00 cada cartões
Nº 14 400,00 cada cartões	Nº 35 400,00 cada cartões
Nº 15 400,00 cada cartões	Nº 36 400,00 cada cartões
Nº 16 400,00 cada cartões	Nº 37 400,00 cada cartões
Nº 17 400,00 cada cartões	Nº 38 400,00 cada cartões
Nº 18 400,00 cada cartões	Nº 39 400,00 cada cartões
Nº 19 400,00 cada cartões	Nº 40 400,00 cada cartões
Nº 20 400,00 cada cartões	Nº 41 400,00 cada cartões
Nº 21 400,00 cada cartões	Nº 42 400,00 cada cartões
SUB-TOTAL cartões	+ SUB-TOTAL cartões

tabela de descontos

quantidade de pedidos:

pedidos de 10 a 25	cartões 0% de desconto
pedidos de 26 a 50	cartões 5% de desconto
pedidos de 51 a 100	cartões 7% de desconto
pedidos de 101 a 200	cartões 10% de desconto
pedidos de 201 a 400	cartões 15% de desconto
pedidos de 401 a 600	cartões 20% de desconto
pedidos de 601 a 800	cartões 30% de desconto
pedidos superiores a 800	cartões 40% de desc.

Reúna o pedido de amigos para conseguir maiores descontos!

Preencha os quadrinhos corretamente, indicando a quantidade de cartões desejados, e envie para:
SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Caixa Postal 54215 - Cep 01227 - São Paulo - SP

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado da Federação: _____

ASSINATURA: _____

OBS.: Cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

atenção!
para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar

faça assim:

1 — preencha corretamente os quadrinhos:

2 — some a quantidade de cartões pedidos.
3 — verifique, na **tabela de descontos**, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra.
com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

- Os cartões serão remetidos por meio da Livraria Ave Maria e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.
- Atendemos por reembolso, somente pedidos de, no mínimo, 10 cartões.
- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.



n.º 19 (210 x 150 mm)



n.º 20 (210 x 150 mm)



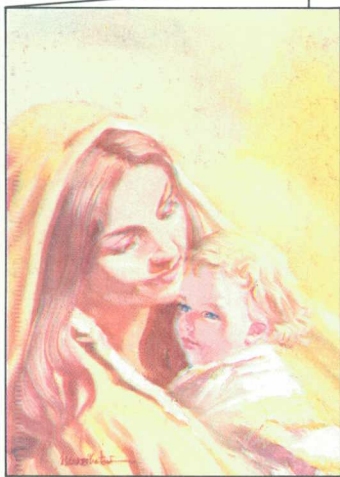
n.º 21 (210 x 150 mm)



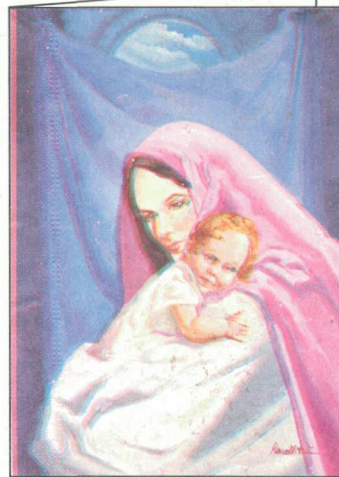
n.º 13 (200 x 150 mm)



n.º 22 (210 x 150 mm)



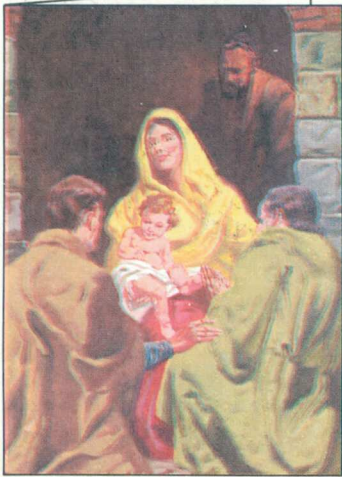
n.º 23 (210 x 150 mm)



n.º 24 (210 x 150 mm)



n.º 14 (200 x 150 mm)



n.º 25 (210 x 150 mm)



n.º 26 (210 x 150 mm)



n.º 27 (210 x 150 mm)



n.º 17 (215 x 210 mm)

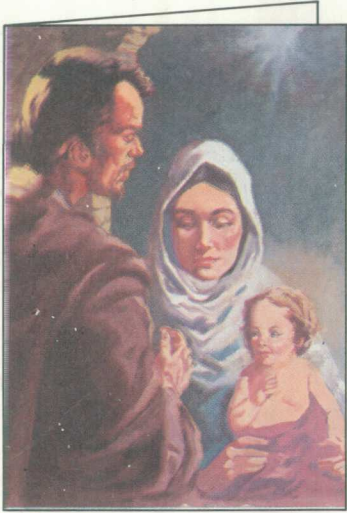


n.º 15 (200 x 150 mm)

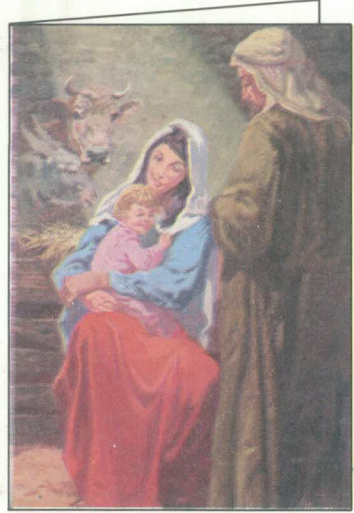


n.º 16 (200 x 150 mm)

ALÉM DESTES, TEMOS
 OUTROS CARTÕES DE NATAL
 EM UMA COR.
 PEÇA UM CATÁLOGO
 AO SECRETARIADO
 VOCACIONAL CLARETIANO
 CX. POSTAL 54.215
 CEP 01227 SÃO PAULO, SP



n.º 28 (210 x 150 mm)



n.º 29 (210 x 150 mm)



n.º 32 (170 x 155 mm)



n.º 33 (170 x 155 mm)



n.º 30 (210 x 150 mm)



n.º 31 (210 x 150 mm)



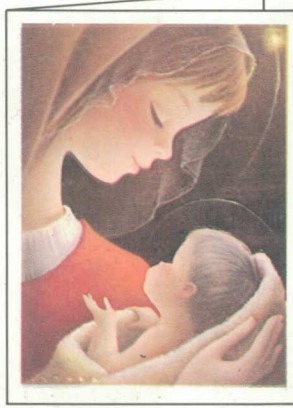
n.º 34 (200 x 150 mm)



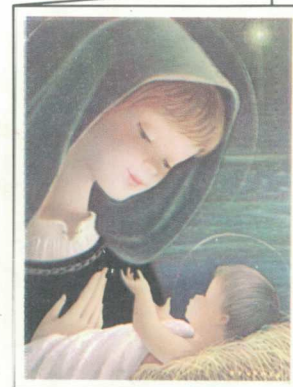
n.º 35 (200 x 130 mm)



n.º 39 (210 x 150 mm)



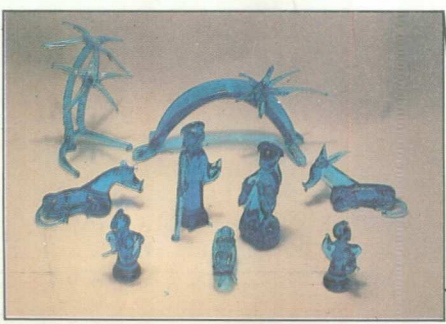
n.º 36 (200 x 140 mm)



n.º 37 (200 x 140 mm)



n.º 38 (200 x 140 mm)



n.º 42 (210 x 150 mm)



n.º 44 (210 x 150 mm)



n.º 43 (210 x 150 mm)